

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
7



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.

**Braulio
Tavares**

Suplemento
literário
do Jornal A União
Setembro
2025

Celebrando 75 anos, o "operário da palavra"
comenta a sua multifacetada trajetória na literatura,
música, audiovisual, teatro, poesia e cultura popular

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Alvaro Machado

auniao.pb.gov.br |    @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. *Página*

Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

Em uma colmeia, a abelha-operária é responsável pela maioria das tarefas de manutenção e produção do local, como a construção dos favos, a produção de mel e cera, a alimentação das larvas e da rainha, além da defesa da colônia.

Sobre a questão de multitarefas, o paraibano Braulio Tavares pode ser comparado com uma abelha-operária. Aos 75 anos de vida — com mais de cinco décadas dedicadas incansavelmente à colmeia cultural — ele ramifica as melgueiras destinadas para vários dos seguimentos artísticos, seja na literatura, no teatro, na música, no audiovisual, na poesia ou na cultura popular. A polimerizar, com certeza, vai longe.

Como ele faz tudo isso? Com a ferramenta da palavra, o elemento fundante de sua obra e de sua personalidade, como vocês testemunharão na matéria de capa produzida por Esmejoano Lincol com auxílio de Reginaldo Venâncio. Ambos os jornalistas mergulharam no néctar do sucesso dos projetos desse operário, nos mais diversos meios e plataformas. Não só por aqui, nesta edição, como também nas ondas da Rádio Tabajara, rendendo uma série de programas sobre a trajetória de Braulio Tavares.

Entre outros destaques deste número, o protagonismo feminino dita as regras, seja como personagem, seja na autoria: temos a poeta mineira Maria do Carmo Ferreira lançando uma coleção inédita de seus versos, aos 85 anos de idade; uma análise dos contos de Aldo Lopes por Maria das Neves Franca; uma entrevista com a escritora estreante Carluce Couto; e, por fim, mais um debut, da poeta Giulliana Silva de Vasconcelos, como contista.

RESENHA 18

Análise do livro “Luxo e Capitalismo”, do sociólogo e economista alemão Werner Sombart

POESIA 22

Poeta mineira Maria do Carmo Ferreira, inédita em livro, aos 85 anos de idade

DIÁLOGO 28

Entrevista com Carluce Couto, que estreia na literatura com “Aos que morrem em silêncio”

CRÍTICA 52

Um mergulho nas nuances da condição humana pela coletânea de contos de Aldo Lopes de Araújo

MÚSICA 56

Compreensão da música “Cordas”, da banda paraibana Baluarte

ARTIGO 58

Entre a exposição e o exposto: a ensaística de Lina Meruane por meio do livro “Tornar-se Palestina”



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa e ilustrações

Tônio
Ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Um multifacetado operário da palavra chamado **Braulio Tavares**

Celebrando 75 anos de vida, paraibano tem mais de cinco décadas de carreira em diversos ofícios artísticos, cujo uso da palavra é o elemento fundante de sua obra e de sua personalidade

Esmejoano Lincol

esmejoanolincol@hotmail.com

Reginaldo Venâncio

reginaldojppb@hotmail.com



Aura clichê de alguns adjetivos, utilizados para qualificar os artistas com base no seu êxito ou na amplitude de seu trabalho, pode — e deve — ser utilizada, sem pudores, para falarmos do paraibano Bráulio Fernandes Tavares Neto. O sucesso de seus projetos nos mais diversos meios e plataformas, revelam, por um lado, o poeta, o roteirista e o compositor multifacetado (e aqui vai o primeiro dos clichês), arriscando-se, em mais de cinco décadas de carreira e com igual triunfo, em diversos ofícios, como veremos nesta edição. Por outro lado, deixa implícito aquilo que há de comum a todas empreitadas: o uso da *palavra*, elemento fundante de sua obra e de sua personalidade, agora, aos 75 anos.

Advertimos o leitor sobre as possíveis omissões que esta matéria de capa pode fazer diante dessa produção vultuosa; remontaremos aquilo que for possível, considerando o tempo e o espaço do *Correio das Artes*. Ativista cultural desde a adolescência, uma de suas primeiras experiências públicas com a arte emergiu no Cineclube Campina Grande, que por um curto, mas

relevante, espaço de tempo foi um farol na promoção da Sétima Arte na Rainha da Borborema. Nos palcos, ele emergiu como pupilo de Ariano Suassuna em peças que, aos poucos, galgaram prestígio no meio teatral e que logo seriam laureadas com o Prêmio Shell, a exemplo de *Brincante*, nos anos 1990.

O segmento que mais lhe rendeu louros foi, sem dúvida, a literatura, calcada, de maneira autoral, na produção de ficção científica, a exemplo do seminal *A Espinha Dorsal da Memória* (1989) e na composição de cordéis, como em *O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamelin* (2006); houve, ainda, espaço para atuar como tradutor. E, em se tratando de música, suas parcerias vão muito além das faixas “Nordeste independente” e “Caldeirão dos mitos”, triunfos na voz de Elba Ramalho. As colaborações com Lenine, Chico César e Tadeu Mathias — para citar alguns — alicerçam a carreira de Bráulio Tavares como letrista e musicista e complementam a sua (tímida) trajetória como intérprete.

A reportagem a seguir foi produzida por meio de pesquisa comitante produzida para a mi-

nissérie *Bráulio Tavares, o Operário da Palavra* — esta foi idealizada por Reginaldo Venâncio, conduzida em parceria com Esmejoano Lincol e veiculada durante o mês de setembro, na Rádio Tabajara FM 105.5, em edições do programa *Tabajara em Revista*. Uma versão final e expandida dos quatro episódios produzidos será disponibilizada em formato de *podcast*, no Spotify, com a publicação deste suplemento literário.

As entrevistas com o artista foram feitas remotamente, por telefone e e-mail, já que Bráulio reside há muitos anos no Rio de Janeiro. A conversa, todavia, aproximou o chamado “raio da silibrina” de suas origens em Campina Grande e dos pais, o poeta Nilo Tavares e a entusiasta das artes Cleuza Santa Cruz Tavares (em mais um clichê, eles foram suas primeiras influências culturais). Mas no proveitoso “papo” que tivemos com Tavares, ele também prospectou o futuro e sua relação com a palavra: “Claro que alguma doença física ou mental pode me atrapalhar ou me impedir, mas não me imagino com algum motivo para desistir de escrever. Escrever, para mim, é como respirar”.



Ilustrações: Bruno Chiossi



Cinema

A partir de 1950, a cidade de Campina Grande ascendeu francamente, num movimento similar ao da família Tavares e sua prole: Clotilde, a primogênita; Braulio, batizado com o nome do avô; Pedro, companheiro do anterior, no “meio”; e Inês, a caçula. “Uma coisa que se falava muito naquela década: Campina Grande era a 13ª cidade brasileira. Estava acima, inclusive, de algumas capitais”, remontou o homenageado deste *Correio das Artes*. Nilo Tavares, patriarca, poeta e leitor inveterado, visitava com frequência a Livraria Pedrosa, no Centro do município, trazendo de volta para casa coleções inteiras, como as da editora José Olympio; *Sagarana*, clássico de Guimarães Rosa e um dos títulos mais marcantes, foi lido por Braulio aos 10 anos.

Por outro lado, Cleuza Santa Cruz, apelidada de “Marquesa”, utilizou-se de seu *status* real para apresentar a Braulio e a seus irmãos uma das maiores riquezas populares do Nordeste — o cordel, por meio dos cantadores que se apresentavam nas rádios locais. “Minha mãe era caririzeira de Coxixola. Ela adorava o programa *Retalhos do Sertão*, que era (veiculado) logo cedo, na Rádio Borborema. Então, a gente acordava às seis horas da manhã, para ir para o colégio, e já era o rádio a toda altura na sala. Com José Gonçalves e Cícero Bernardo, os primeiros cantadores que ouvi na vida, assim, aos 11 anos de idade. Depois, com 20 e tantos, eu também me tornei amigo deles. Eu tinha isso na minha casa desde pequeno”, conta.

Nilo, também colunista, mantinha espaço regular no extinto *Diário da Borborema*. A convivência estreita com os jornalistas Ramalho Filho e Amaury Capiba, amigos do pai, precipitou sua incursão neste meio e forneceu a Braulio algumas de suas pri-

meiras grandes lições na área: “Diziam, ‘Quando você crescer e estiver escrevendo, isso, isso e isso são coisas importantes’ e tal...”. Ao mesmo tempo, o interesse pelo cantadores passou a ser compartilhado com outros artistas da música, regionais e internacionais, veiculados pelas ondas das rádios Cariri e Caturi-té: “Eu ouvia desde o samba de Milton e Elza Soares, até o rock de Celly Campello e Elvis, passando pelo forró de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga”.

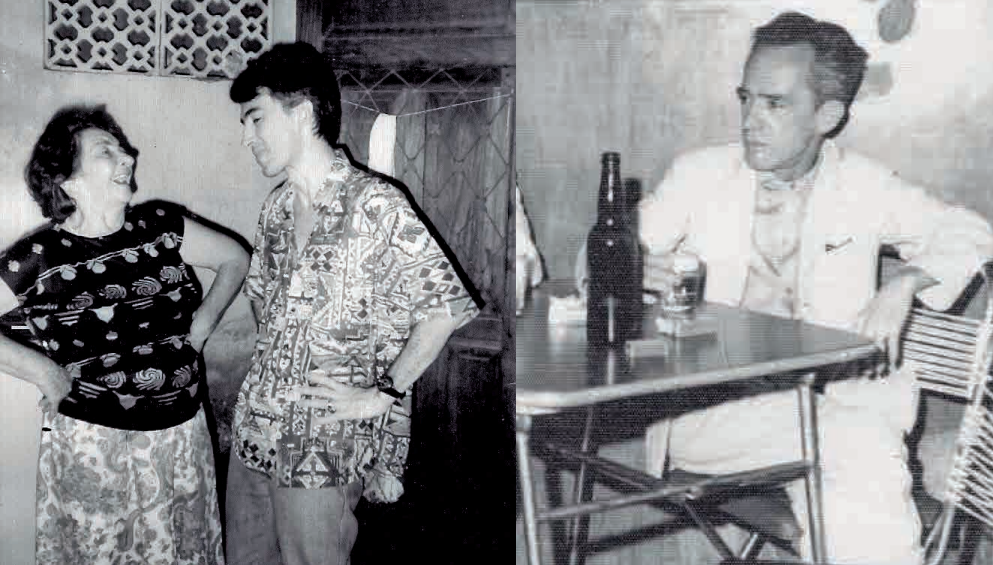
Com 15 anos, Braulio tinha boas notas e textos que se destacavam dentre os demais colegas de escola. Partiu de Josusmar Viana, seu professor de Português e então secretário do *Diário da Borborema*, um convite formal para escrever naquele veículo: “Meu primeiro salário era Cr\$ 15. E depois de dois ou três meses, aumentou para Cr\$ 25. E eu me considerava o sujeito mais rico do mundo. Nunca comprei tanto livro de bolso!”. Ele se consolidou como setorista no caderno de esportes, a partir de 1966.

A esse “caldeirão de mitos” de Braulio Tavares, curtido em fogo alto na sua juventude, foi adicionado o cinema. Ele recorda as chamadas “sessões de arte” do Cine Capitólio, em Campina Grande, responsável por trazer a público uma programação de filmes que se distanciava do catálogo comercial dos demais espaços de projeção: “Muitos

Registro dos idealizadores do Cineclub de Campina Grande (CCG), na década de 1960

Foto: Arquivo pessoal





Fotos: Arquivo pessoal

Em Campina Grande, Braulio Tavares ao lado da sua mãe, Dona Cleuza; e o patriarca Nilo Tavares, poeta e leitor inveterado

desses eram censurados para 18 anos, mas eu passava na frente. Passavam lá os filmes de Orson Welles, os com Greta Garbo...". O interesse como espectador foi ampliado quando Braulio integrou o curso que o radialista Dorivan Marinho promoveu junto a outros jovens, nos idos de 1964. Marinho havia sido um dos idealizadores do Cineclube Campina Grande (CCG), fechada pela ditadura.

Na turma de Braulio, constavam outros célebres entusiastas campinenses, que enveredariam pelo caminho da realização ou da docência (nas áreas do audiovisual ou da comunicação) nas décadas seguintes: Apolônio Ribeiro, Guilherme Vilar, José Umbelino, Luís Custódio, Marcos Agra, Romero Azevedo, Rômulo Azevedo, Severino Caluête e Zélio Furtado. Percebendo o interesse do grupo pela Sétima Arte, Dorivan Marinho propôs que eles reativassem o CCG, tarefa prontamente atendida: "O cinema tinha uma linguagem. A linguagem do claro e escuro, da luz e da sombra, da montagem... Ao descobrirmos isso, começamos a puxar os cabelos e dizer, 'Cara, isso é o negócio mais fantástico que existe'".

No movimento cineclubista, as opções não eram muitas, mas os títulos eram virtuosos. *Aruanda*, registro documental do pernambucano Linduarte No-

ronha, foi exibido 42 vezes: "A gente começou a ver também as circunstâncias do próprio cinema paraibano e brasileiro, com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, ou *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, e a gente pensa — 'No cinema, o sonho é gratuito, mas o filme, a película e o estúdio custam dinheiro'".

O Regime Militar logo voltou a atrapalhar o funcionamento do Cineclube Campina Grande, precipitando o fim das atividades desta segunda turma. Parte dispersou-se, mas a semente germinou em Braulio. Anos mais tarde, ele cursou a Escola Superior de Cinema da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas): "Com 20, 21 anos de idade, eu pedi para meus amigos, 'Não quero mais dirigir cinema, é uma coisa gigantesca demais. Eu gostaria de ser roteirista, que trabalha sozinho em casa. Mas eu acho que eu vou acabar sendo crítico de cinema'. E foi isso que acabei me tornando". Ele assinaria os roteiros de filmes como *O Homem Que Desafiou o Diabo* (2007) e *Besouro* (2018) já consolidado como autor.

Em 1975, na gênese do Festival de Inverno de Campina Grande (FICG) foi chamado pela idealizadora Eneida Agra para integrar a curadoria da primeira mostra audiovisual do evento. Junto a Romero e Rômulo Azevedo e José Umbelino trouxe para

a Rainha da Borborema o recém-lançado *O Amuleto de Ogum*, longa dirigido por Nelson Pereira dos Santos.

Ao mudar-se com a sua então companheira Arly Arnaud para Salvador, no fim da década de 1970, Braulio engajou-se no Clube de Cinema da Bahia, liderado por Guido Araújo. O intercâmbio dos artistas e entusiastas locais com cineastas alemães, por meio do Instituto Goethe, em Salvador, deu a ele a oportunidade de trabalhar com o Peter Przygodda, montador de filmes seminais como *Asas do Desejo*, do diretor Win Wenders. Com Przygodda, assinou a direção de seu primeiro longa documental, sobre o cotidiano dos motoristas de caminhão: "Chama-se *...Als Diesel Geboren*, que significa, 'Já nasce em diesel', porque eles gostavam muito dessa frase, pintada em parachoques".

Em 1983, alçaria novo voo no audiovisual, mas como ator, remontando as figuras que aprendeu a admirar graças à mãe, a "Marquesa". Deu vida a um cantador cego no filme *Parahyba Mulher Macho*, de Tizuka Yamasaki, sobre a vida da poeta Anayde Beiriz. Ao conhecer a realizadora, Braulio foi chamado para roteirizar a cena em que seu personagem "duela" com a protagonista (esta, interpretada pela atriz e cantora Tânia Alves). "Claro que acabou que o Braulio foi convidado para fazer o papel, e não precisou fazer teste, porque ele era o próprio cantador que eu tinha idealizado. E acho que a sequência que ele fez com a Tânia Alves foi, para mim, memorável", resume Tizuka.



Teatro

Conforme os anos 1980 foram avançando, Braulio Tavares começou a profissionalizar-se num novo segmento: o teatro. Transferiu-se para a capital baiana para acompanhar sua ex-esposa, Arly, que estava para fazer o vestibular. “Meses depois, ela estava trabalhando no Teatro Livre da Bahia, que era dirigido, nessa época, por João Augusto e que tinha atores experimentados, como Bemvindo Sequeira”. O começo foi com teatro de rua, tocando e cantando forró em espetáculos musicais, gênero que tornou-se maior no atual ponto de sua carreira. Neste momento, firmou outra importante parceria perene: com José Araripe Jr., com quem dividiu muitos roteiros.

Braulio aponta como os seus dois primeiros trabalhos no teatro as peças *Quinze Anos Depois* (ou *Esperando Godofredo*) e *Trupizupe*, o *Raio da Silibrina* (ou *O Casamento de Trupizupe com a Filha do Rei*). “Ambas foram montadas na Paraíba, nos anos 1980, com direção de Hermano José. Percorreram o Brasil e são encenadas até hoje”, detalha. Depois desse primeiro momento, houve um hiato. A música emergiu como segmento principal em sua carreira na primeira metade dos anos 1980, graças ao êxito de suas composições na voz de Elba Ramalho — as principais, “Caldeirão dos mitos” (1980) e “Nordeste independente (Imagine o Brasil)”; participou, como instrumentista de shows da contrerrânea, em dupla com Ivanildo Vila Nova.

O reconhecimento como autor e intérprete, precipitou o início de sua trajetória solo na música, mas não interditou a possibilidade de fazer teatro. A intenção foi retomada a partir da segunda metade da década, por meio de seu reencontro com o pernambucano Antônio Nóbrega, ex-integrante do Quinteto Armorial. Na virada para a década de 1990, nasceu *Brincante*, espetáculo performático, em que o protagonista, com ares de bufão, vive diversas peripécias. Antônio Nóbrega deu vida a uma espécie de alterego, Tonheta, partilhando vários dos papéis com sua esposa e companheira de trabalho Rosane Almeida: “Tudo era criado por essas quatro pessoas — Romero de Andrade Lima, como figurinista, cenógrafo e diretor; eu o autor; Nóbrega e Rosane, os atores”. Outro êxito. Com esse projeto, Braulio venceu o seu primeiro Prêmio Shell de dramaturgia, importante láu-

Foto: Arquivo Instituto Brincante



Foto: J.F. Diorio/Estadão Conteúdo



Rosane Almeida e Antonio Nóbrega (acima) na peça “Brincante”, primeiro Prêmio Shell para Braulio, que também foi roteirista do “Sai de Baixo” (abaixo)

rea do segmento: “A gente passava um fim de semana inteiro vendo filme, lendo coisas. E eu ficava escrevendo cenas curtas, esquetes e tudo mais, juntando tudo isso em *Brincante*”.

Rede Globo

O sucesso da residência de Elba Ramalho no Canecão, mítica casa carioca, fisionomia a Rede Globo, que produziu um especial da cantora para a televisão, no começo dos anos 1980. A presença de Braulio, como músico e compositor, também chamou a atenção da emissora, por onde o paraibano também enveredou, a princípio, roteirizando programas musicais. Um deles, o tradicional show natalino de Roberto Carlos, em 1983; o texto era assinado em trio por Braulio, Luiz Carlos Maciel e Maria Carmem Barbosa: “Eu, fã da Jovem Guarda, cheguei a dizer, ‘Acho que o Roberto deveria cantar alguma coisa daquele período, que há muito não canta’”. O Rei acatou a sugestão e incluiu no repertório

“Não quero ver você triste”, faixa lançada em 1965.

Em 1995, transpôs a parceria com Antônio Nóbrega para a televisão, por meio do especial *A Farsa da Boa Preguiça*. O roteiro de Braulio Tavares adaptava a peça de Ariano Suassuna trazendo Nóbrega como o protagonista, Joaquim Simão; a equipe foi dirigida por Luiz Fernando Carvalho. A partir de 1997, Tavares experimentou um novo formato híbrido entre o teatro e a tevê: o programa humorístico *Sai de Baixo*. A sala de roteiro era composta por ele, Lícia Manzo, Aloísio de Abreu e Odete Damico, com redação final de Cláudio Paiva. “A gente sentava e conversava sobre a vida. A partir daí surgiam ideias. E Braulio é um poeta cultíssimo, qualquer coisa que a gente perguntasse, ele falava, conhecia”, lembra Aloísio.

Uma nova oportunidade de adaptar Ariano para a TV surgiu em 2007 com a minissérie *A Pedra do Reino*. Ao seu lado, estavam Luiz Fernando Carvalho (também na direção) e o dramaturgo Luís Alberto de Abreu: “Uma história com 500 páginas, infinitamente mais complexa do que a história do que *O Auto da Compadecida*, feita para ser mais co-

municativa”. Conduzida numa linguagem teatral e exibida num horário pouco aprazível para o grande público da época — após as 23h —, o projeto não repercutiu como o esperado, fato que não chegou a impactar Braulio: “O sucesso é uma coisa administrativa, financeira, de *marketing*, de quem está trabalhando lá no 20º andar. E estou aqui, no andar térreo, escrevendo o texto”.

A partir de ideia original da produtora Andréa Alves, Braulio Tavares foi convidado para escrever espetáculos musicais junto à companhia carioca A Barca dos Corações Partidos. O primeiro deles, justamente, *Suassuna – O Auto do Reino do Sol*, celebração dos 90 anos do autor, em 2017: “Andréa me disse, ‘Na minha cabeça, vai ser o seguinte, um texto seu, com músicas de Chico César e dirigido por Luiz Carlos Vasconcelos. Você topa?’”. A resposta foi “Sim”. Beto Lemos e Alfredo del Penho colaboraram com a trilha da peça, que reúne, numa narrativa extensa, diversos elementos do universo de Suassuna, entremeados pelo circo: “A produtora, a Sarau, me contratou para fazer uma oficina de dois meses com os sete atores”.

Um dos artistas mencionados

é campinense e também faz aniversário no mesmo dia em que Braulio Tavares, em 2 de setembro: Adren Alves. O intérprete já conhecia o contrerrâneo “de nome” e essa oficina o fez admirar ainda mais. “Ele é um grande conhecedor do teatro, com uma escrita extremamente sofisticada. Braulio tem muita bagagem da poesia e da rima. E o que mais me surpreende é que mesmo num texto com muitos personagens, todos são muito fortes”, assevera Adren. A obra foi vencedora de três Prêmios Shell; um dos troféus, de Melhor Dramaturgia, foi direcionado novamente para o autor paraibano.

O segundo projeto para A Barca dos Corações Partidos foi *Jacksons do Pandeiro*, musical baseado na vida do Rei do Ritmo, com direção de Duda Maia, no qual cada ator faz uma espécie de Jackson. A estreia do espetáculo trouxe à tona um texto humorístico compartilhado por Braulio, em que ele narrava um encontro fictício entre Jackson do Pandeiro e Bob Dylan: “Eu inventei para explicar a versão que fiz da música de Dylan, com o título ‘Mr. do Pandeiro’, que foi depois gravada por Zé Ramalho. As pessoas acreditam em qualquer coisa...”.

Musical
“Jacksons do
Pandeiro”, do
grupo A Barca
dos Corações
Partidos





Literatura

Invocaremos outro clichê para definir a gênese do trabalho de Braulio junto aos livros: o fruto não cai longe do pé. A influência do pai, Nilo Tavares, aproximou o autor paraibano de sua primeira grande fonte de obras contemporâneas e clássicas, a Livraria Pedrosa, em Campina Grande. “Muita gente importante, de Jorge Amado a Gilberto Freyre, quando vinha à Paraíba, era recebida lá”, recorda. Mas foi justamente o contato com esse acervo que propiciou o acesso ao gênero que o consagraria como autor por décadas a fio — a ficção científica (preferencialmente chamada de “especulativa”, por alguns teóricos). “Eram da coleção *Argonauta*, traduzidos em português de Portugal. Formou gerações inteiras de leitores”, sustenta.

Entre os frutos e galhos vizinhos estavam sua irmã Clotilde e a sua tia Adiza. A primeira, também poeta e entusiasta da cultura e dos livros, partilhou com o mano do meio a paixão pelo violão: “Nós aprendemos juntos. Em toda a minha infância e na adolescência inteira, fomos companheiros de leituras e de ouvir rádio. Quando queríamos comprar um disco de Jorge Ben Jor ou de Moreira da Silva, eu dava metade e ela dava metade, porque o dinheiro era curto”. A segunda, adulava o sobrinho com mais títulos literários: “Estou preparando um trabalho sobre Sherlock Holmes, e lembrei que a obra completa de Arthur Conan Doyle foi minha tia que comprou para mim, pelo reembolso postal, que era ‘a internet’ daquela época”.

Nilo Tavares buscava entusiasmar os filhos, ainda crianças, na produção de poemas. Nesse aspecto, os primeiros textos autorais de Braulio foram em verso, aos oito anos. Mas sua criatividade ia muito além dessa dimensão: “Eu tentava escrever poesia rimada, a poética modernista, de Drummond, João Cabral, Cecília Meireles

e Manuel Bandeira. E eu pensava em compor música também. Quando as pessoas vêm me perguntar, como é que você consegue fazer todas as coisas diferentes, digo que sempre foi assim”. A fluência em tantas linguagens, no passado, fornece a base que alicerça suas obras literárias hoje: “E isso, talvez, seja o que me salva como escritor, o que me garante, a capacidade de mudar de registro”.

Ariano Suassuna pairava sobre Braulio muito antes da produção do musical, com *A Barca dos Corações Partidos*. A obra do mestre o acompanha desde a infância, por meio da leitura de *O Auto da Compadecida*, mas esteve em outro momento crucial de sua juventude, nos idos de 1970: “*A Pedra do Reino* foi decisiva, para me tirar de Belo Horizonte, onde eu estudava Cinema, e me fazer voltar para Campina Grande, porque eu praticamente descobri a importância da Paraíba através desse livro. Um ‘marco revelatório’, como diria o próprio Ariano”. Com o idealizador do movimento armorial, ele também aprendeu a ter orgulho do seu “nordestinês”: “Não é ‘Os cabras estão chateados’, é ‘Os *cabas* estão chateados”.

Os sonetos da infância foram sendo alimentados pela referência dos cantadores, que sua mãe ouvia no rádio, desde as primeiras

Foto: Arquivo pessoal



Fluência em tantas linguagens, no passado, fornece a base que alicerça suas obras literárias hoje e também a capacidade de Tavares mudar de registro

horas da manhã. Logo vieram os poemas completos, tornados públicos apenas na idade adulta, com seu primeiro folheto corde-lístico, de 1979: *A Pedra do Meio-dia ou Artur e Isadora*, mergulho nos elementos mais fundantes desse tipo de literatura: “Não sou um cordelista de fato, sou um amante do cordel que, de vez em quando, produz alguns. Mas o cordel me deu essa atenção com a rima e uma atitude diferente daquela do beletrista, da literatura erudita, o cara que faz um livro de cinco em cinco anos. O cordelista escreve o tempo todo, e vende por qualquer preço, numa produção constante e quantitativa”.

Espinha dorsal

O gênero literário que exerci-tou com mais afinco, a partir da década de 1980, foi o conto. Os textos estavam e seguem imersos naquilo que Bráulio Tavares absorveu por décadas junto à literatura estrangeira de ficção científica ou de mistério — desde nomes conhecidos somente entre os aficionados (como John Russell Fearn, autor de *Planeta Maldito*), aos cânones (a exemplo de Edgar Allan Poe): “Alguns deles, curiosamente, eu publiquei no *Correio das Artes*, no tempo em que Juca Pontes — e olha aí a importância dos incentivos! — era editor. Mas eu sempre me preocupei, ‘Cadê revista no Brasil, onde eu possa publicar isso?’. Ao entrar para o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), como o sócio 044, passei a publicar no fanzine deles, o *Somnium*”.

Antes mesmo de estreitar em sua primeira coletânea autoral, Bráulio trouxe a público o ensaio que se fixaria como uma de suas mais importantes obras — *O Que é Ficção Científica?*, parte da famosa coleção Primeiros Passos. A empreitada exitosa era

da editora Brasiliense: “Logo no começo da série, tinha o livro de Jean-Claude Bernardet, crítico de cinema, que foi meu professor — *O Que É Cinema?*. Então, eu escrevi um capítulo sobre ficção científica e veio a resposta do Caio Graco, editor: ‘Está muito interessante, mas parece mais uma história de ficção científica. Leia o livro de Bernardet e veja como ele abordou uma coisa tão grande como é o cinema, dirigindo-se a um leitor jovem’”. Com as alterações feitas, o projeto foi publicado em 1986. Bráulio guarda com carinho a carta de aceite da Brasiliense.

Ampliando alguns dos contos que saíram no fanzine *Somnium*, o autor finalmente estreou sua primeira reunião de narrativas curtas, em 1989 — *A Espinha Dorsal da Memória*, seleção de 12 textos, entre narrativas insólitas e de suspense. Foi aclamado pela crítica e laureado nacional e internacionalmente — um dos troféus era o Prêmio Caminho de Ficção Científica, concedido pela editora portuguesa de mesmo nome. Dois dos textos mais emblemáticos alcançaram, individualmente, o Prêmio Nova — *Sympathy for the Devil* (em 1989) e *Mestre das armas* (em 1990) Sete anos depois, veio *Mundo Fantasma*, nova antologia que dá continuidade à *Espinha Dorsal*. Ambos foram relançados na pandemia.

O romance, gênero em menor número na carreira literária de Bráulio Tavares, teve título de destaque com *A Máquina Voadora*, de 1994: nele, acompanhamos o sonho de Ramiro Gamboa, sapateiro que tem ambições para além de seus horizontes. A ex-

Exemplos de alguns livros lançados por Bráulio Tavares: desde teóricos, passando por antologias de ficção científica e destinado ao público infantojuvenil

Fotos: Leonardo Ariel



periência com a literatura infantojuvenil, muito mais pontual, acabou lhe rendendo um Prêmio Jabuti, em 2009: com *A Invenção do Mundo pelo Deus-curumim*, ele investe na cosmogonia a partir da visão dos povos originários. O título em romance publicado mais recentemente é *Bandeira Sobrinho – Uma Vida e Alguns Versos*, espécie de autoficção sobre um cantor que conheceu. Citamos apenas alguns exemplos: há muitos outros livros autorais, também em ensaio e crônica.

Seu passado jornalístico não foi esquecido após aquela primeira imersão do *Diário da Borborema*. Durante uma década, manteve a coluna *Mundo Fantasma*, periodicamente, no *Jornal da Paraíba*. Quando da extinção da versão impressa deste veículo, em 2016, Braulio decidiu transferir as suas crônicas semanais para o *blog* homônimo, na internet: “É uma maneira de organizar as ideias (a gente pensa melhor quando escreve) e de ter contato constante, e gratuito, com os leitores. Tenho muitos leitores jovens que não têm grana para comprar meus livros”. O autor rendeu-se há pouco tempo ao Substack, plataforma por meio da qual compartilha *newsletter* paga: “Mas sempre haverá algum material gratuito”.

No começo dos anos 1990, Braulio participou da Clarion Workshop, oficina de literatura fantástica e de ficção científica promovida pela Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos. A iniciativa formou nomes importantes no gênero como Ted Chiang (autor de *A História de Sua Vida*, conto que inspirou o filme *A Chegada*): “Segundo Damon Knight, o coordenador maior da oficina, eu fui o primeiro aluno de um país de língua não inglesa”. Em seis semanas, ele aprofundou seus conhecimentos, ana-

lisando com os demais colegas aquilo que era produzido diariamente durante o curso: “Tive um *feedback* muito bom dos professores, de modo geral. Fiquei me correspondendo com vários deles, inclusive, durante muitos anos, como com Gardner Dozois, que era editor da *Isaac Asimov Magazine*”.

A proximidade com textos em língua estrangeira proporcionada por essa vivência, em Michigan, ampliou os recursos de Braulio Tavares no tocante à tradução, ofício que ele mantinha muitos anos antes da viagem aos EUA: “Comecei a estudar inglês muito cedo, no colégio mesmo, por causa das letras dos Beatles e dos Rolling Stones, que eu queria traduzir. Quando vim morar no Rio de Janeiro, eu já tinha isso em mente, dizia que se a barra apertasse, eu poderia ir na Rio Gráfica Editora, que publicava aqueles livrinhos policiais, e pedir para traduzir algum, assinando com pseudônimo. A tarefa é de extrema responsabilidade, segundo Braulio Tavares: “Você tem uma noção do que é o esforço físico de escrever um romance”.

Alguns dos autores que ele transpôs para o português são seus próprios ídolos, como Edgar Allan Poe, Philip K. Dick e H. G. Wells, cânones do suspense e da ficção científica: “Paulo Henriques Britto, meu amigo e um grande tradutor, disse uma vez, numa entrevista, que só lê um livro de verdade quem traduz esse livro. Normalmente, lemos pulando páginas, passando adiante quando você não está gostando. Mas o tradutor não pode pular”. Por fim, ele sinaliza que a transposição para outro idioma produz, em suma, um novo livro: “Você não está apenas batendo à máquina, mas está criando com outro vocabulário. Aquelas frases, diálogos,

as discussões todas que o cria... Temos de ser leais com o leitor também”, explica.

N. do E: até este ponto, os textos foram escritos por Esmejoano Lincol. No próximo segmento, Reginaldo Venâncio lança mão de um relato ora pessoal, ora jornalístico para comentar o trabalho de Braulio Tavares na música, com um caráter mais ensaístico.

Pilha de trabalhos de Braulio Tavares, como autor e como tradutor; segundo o próprio sinaliza, a transposição para outro idioma produz, em suma, um novo livro

Foto: Leonardo Ariel





Em meados dos anos 1960, Braulio Tavares manteve, com amigos, uma banda *cover* dos Beatles, sob uma alcunha curiosa: Sebotatos. A ideia por trás do título era juntar as iniciais dos então integrantes, todos adolescentes — Sérgio, Bolivar, Marcelo e Toninho. Os garotos de Campina Grande acolheram Braulio, na posição equivalente a de John Lennon; os óculos e o “ar intelectual” teriam favorecido a identificação. Como vimos ao longo desta matéria de capa, essa foi mais uma das muitas referências adicionadas à mistura cultural e artística do assim chamado “operário da palavra” e que indiretamente ajudaram a compor a música que mencionamos a seguir.

Conheci Braulio Tavares há exatos 35 anos. Bem, comecei a ouvir falar dele, porque conhecer mesmo só em 2007, quando eu e ele participamos de um evento anárquico-carnavalesco em Recife, Pernambuco, cidade onde residi por 10 anos (daqui a alguns parágrafos eu conto melhor).

Em 1990, um amigo, que assim como eu gostava muito de ler e ouvir música, não parava de falar de um compositor nascido em Campina Grande, que escrevia canções muito bem. Era autor de “Caldeirão dos Mitos”, primeira música do lado A de *Capim do Vale*, segundo álbum de Elba Ramalho, lançado em 1980. Situar “geograficamente” a faixa de um disco parece preciosismo de colecionadores de vinis, mas na época dos LPs, a canção que abria o álbum demonstrava grande importância e muitas vezes era conhecida como a “música de trabalho”.

“Caldeirão dos Mitos” é uma letra escrita com base na literatura de cordel, em sextilhas, estrofes de seis versos, no qual os pares rimam entre si:

*“Eu vi o céu à meia-noite
Se avermelhando num clarão
Como o incêndio anunciado
No Apocalipse de São João
Porém não era nada disso
Era um corisco, era um lampião”*

Quando eu disse que não conhecia a música, o meu amigo não desistiu e citou “Nordeste Independente” (Braulio Tavares e Ivanildo Vila Nova), outra poesia com base na tradição oral do repente, só que desta vez

construída em décimas com versos decassílabos (estrofes com 10 versos, no qual cada um tem 10 sílabas poéticas). Aí deu liga! Eu conhecia a música na voz de Elba, que a gravou ao vivo numa apresentação no Canecão (casa de shows de muito sucesso nos anos 1980, no Rio de Janeiro) e incluiu a gravação no disco *Do Jeito Que A Gente Gosta*, de 1984.

*“Eu não quero com isso
que vocês
imaginem que eu tento
ser grosseiro
pois se lembrem que o
povo brasileiro
é amigo do povo portu-
guês.
Se um dia a separação se
fez
todos dois se respeitam
no presente
se isso aí já deu certo an-
tigamente
nesse exemplo concreto e
conhecido,
imagine o Brasil ser divi-
dido
e o Nordeste ficar inde-
pendente.”*

Daí para a frente, Braulio não saiu mais do meu radar e muitas outras obras criadas por ele me chegavam facilmente como um imã. As parcerias com Lenine desde o disco *Baque Solto* (1983), cuja apresentação é um texto de Tavares intitulado *Mapa do Tesouro*, que depois viria a se transformar na música “Tuaregue e Nagô”, gravada por Lenine no disco *Olho de Peixe* (1992), em parceria com o percussionista Marcos Suzano (e também no DVD ao vivo *Lenine in Cité*, de 2004).

Olho de Peixe é um divisor de águas na carreira de Lenine. Um disco que nasce da união do violão percussivo dele com as percussões orgânicas e eletrônicas

de Marcos Suzano, com a força e a beleza das composições em parceria com alguns amigos que dividiam a aventura e o sonho de se firmar como compositores da música popular brasileira, como Dudu Falcão, Ivan Santos, Lula Queiroga e Braulio Tavares. Esse trabalho traz seis composições do paraibano, o raio da silibrina.

Aliás o campinense é um dos parceiros mais frequentes do pernambucano Lenine. Dos 14 álbuns da discografia oficial do artista, Tavares está presente em 11 deles. Não posso esquecer de citar a música “Leão do Norte”, que se tornaria um hino não oficial do estado de Pernambuco e que é uma parceria com o carioca Paulo César Pinheiro, parceiro também presente em *Olho de Peixe*.

Embora Elba Ramalho tenha sido a madrinha, não só de Braulio, como também de Lula Queiroga, ao gravar a música “Energia”, no disco *Do Jeito Que A Gente Gosta* (1984), que contém a panfletária “Nordeste Independente” (Tavares e Ivanildo Vila Nova), é com Lenine que a música de Braulio ganha mais registros. São mais de 20 canções gravadas. E também em gêneros variados, que incluem o samba.

Pouca gente sabe, mas a dupla compôs sambas para grupos de Carnaval de rua do Rio de

Janeiro como o Suvaco do Cristo, Simpatia É Quase Amor e A Lira do Delírio. Músicas como “República dos Vira-Latas” ou “Bunda Lelê” passaram pelo crivo de um júri e se tornaram sambas-enredo do Suvaco do Cristo, em 1989 e 1990, respectivamente. Segundo Lenine, são aproximadamente 10 anos documentados de crônicas feitas em formato de samba sobre acontecimentos que marcaram o Brasil. Como a descoberta, em 1987, de várias latas de metal boiando em praias do litoral carioca e paulista, contendo cerca de 1,5 kg de maconha. O fato serviu de inspiração para o samba-enredo de 1988:

“Tá lá, tá lá, a lata que
vem do mar, É presente de
Iemanjá,
pra esse ano que inicia,
Copacabana, Ipanema, Ar-
poador,
Gente que ajoelha e reza
No Suvaco do Senhor”

Depois de conhecer a música de Tavares, vieram os livros. O primeiro deles foi a *A Espinha Dorsal da Memória*, adquirida em um sebo, pois se encontrava esgotado (sendo relançado pela Editora Bandeirola, em 2020). Como também estão esgotadas as edições com as primeiras composições escritas por Braulio e reunidas em folhetos de

cordel que o autor vendia em shows que realizava por bares pelo Brasil afora. *Cabeça Elétrica, Coração Acústico* é um destes folhetos que, anos depois, batizaria um disco do pernambucano Silvério Pessoa.

Outro folheto, na verdade o primeiro livro de Tavares, chama-se *Balada do Andarilho Ramon e outros textos*. “Balada” é uma música, um épico de quase 10 minutos ao estilo de Bob Dylan, que conta a vida de um jovem que, por não atender às expectativas da família, sai pelo mundo em busca de seus sonhos.

Braulio Tavares é um escritor/compositor que mune abundantemente os fãs e admiradores com as letras que escreve diariamente. Entre março de 2003 e abril de 2016, ele assinou uma coluna diária para o *Jornal da Paraíba*. Mas não deixou de publicar seus textos quando o jornal impresso deixou de circular. Para isso criou um *blog* onde já constam 5.200 escritos desde a última contagem. Lá, Braulio exercita a poesia, a prosa, a resenha, os ensaios versando sobre quase todos os assuntos possíveis, em linguagem simples e direta, como se estivesse conversando com o ser de vocabulário mais restrito. E aí reside uma de suas maiores qualidades. Se fazer entender por todos. E também estar acessível a qualquer pessoa que o procure.

Foto: Domicio Pinheiro / Estádio

Elba Ramalho (à esq.),
a madrinha musical
de Braulio (à dir.), este
em apresentação no
Teatro Lira Paulistana
(SP), na primeira
metade dos anos 1980

Foto: Iroã Simões/Reprodução

Em 2005, eu conheci um jovem escritor de 23 anos e, ao ler alguns de seus textos, entrei em contato com Braulio através de um e-mail disponibilizado na página do *Jornal da Paraíba*, onde ele mantinha sua coluna diária comentando sobre filmes, músicas, futebol, livros etc. A ideia era que ele pudesse dar orientações de como publicar os textos que eu lhe enviara.

Identifiquei-me como alguém que acompanhava sua coluna diariamente e disse-lhe na ocasião que admirava o conhecimento geral dele. Depois de alguns dias, Braulio respondeu o e-mail (de um desconhecido!). Comentou que para um escritor desconhecido ser publicado no Brasil só se houvesse o gancho de ganhar um *BBB* ou com recursos próprios. Aconselhou o novo escritor a se fazer ler: distribuir poemas entre os amigos, em bares, participar de saraus etc.

Dois anos depois desse episódio, nós finalmente nos conheceríamos pessoalmente. Eu, que sempre gostei de aprender a tocar novos instrumentos, assim que me mudei para Recife, entrei em uma oficina de percussão, e através de amigos fui convidado a participar de um grupo carnavalesco que era pura anarquia: o Quanta Ladeira. Eu iria engrossar o naipe dos tambores, nos juntar à harmonia formada por guitarras, baixo e teclado para que um grupo de pessoas soltassem a voz e o verbo. Só não fazia ideia de que as “pessoas” seriam Lenine, Paulinho Moska, Elba Ramalho, Chico César e muitos outros (entre eles, Braulio Tavares). Naquele momento, conversamos sobre poesia popular e a obra do poeta potiguar Antônio Francisco, autor de *Dez Cordéis num Cordel Só*.

O jornalismo me permitiu entrevistar Braulio Tavares algumas vezes. A primeira delas para fa-

lar sobre o escritor Ariano Suassuna sobre quem o conterrâneo escreveu o perfil biográfico *ABC de Ariano Suassuna* (2007). A mais recente, para esclarecer alguns pontos que precisavam ser elucidados antes de colocar no ar a minissérie radiofônica *Braulio Tavares, o Operário da Palavra*. Quatro capítulos que foram ao ar pela Rádio Tabajara e estão disponíveis nas plataformas digitais, versando por quatro searas onde a produção literária do campinense se espalhou. A saber, cinema, teatro, literatura e música.

Braulio Tavares, o Operário da Palavra é uma homenagem pela passagem dos 75 anos, recém-completados em 2 de setembro do corrente ano, desse escritor paraibano que, certa vez ao ser indagado sobre como se enxergava (se mais como um compositor ou mais um roteirista), ele respondeu: “Eu sou um escritor! Quando estou compondo uma música, eu estou escrevendo um letra; quando estou escrevendo para cinema, eu estou escrevendo um roteiro, então eu me vejo mais como um operário da palavra! Mas com uma diferença: ao contrário da maioria dos diversos operários que são obrigados a trabalhar, eu escrevo por prazer!”



Leia o QR Code acima e acesse uma lista com músicas de Braulio Tavares



Imagem: Reprodução/Sony Music



Leia o QR Code acima e acesse os programas do “Tabajara em Revista”

Capa do disco de Elba Ramalho, “Capim do Vale” (acima); grande parceiro de Tavares, Lenine (abaixo, à esq.) ao lado do percussionista Marcos Suzano, autores do disco “Olho de Peixe”

Foto: Maurício Claret / Estádio Conteúdo





Foto: Arquivo pessoal

A saga e a sina

O trabalho de pesquisa, as entrevistas e a redação desta matéria de capa duraram cerca de dois meses, processos que tornaram-se ainda mais difíceis diante da quantidade de informações sobre Braulio Tavares que precisaram ser condensadas nas páginas desta edição. Tarefa similar tem o professor e cineasta Cláudio Brito, mas numa perspectiva muito mais hercúlea: desde 2009, pelo menos, o realizador capta material para a montagem de um documentário sobre Braulio, que retrata suas trajetórias pessoal e profissional, com os depoimentos do próprio artista e de pessoas que estiveram no seu entorno durante esses 75 anos. Ainda não há data definitiva para lançamento, mas o projeto já tem título: *Braulio Tavares – Saga e Sina Silibrina*.

Cláudio destrincha o trocadilho que compõe o nome do documentário com substantivos que remetem a alguns dos temas que atravessam ou tematizam os trabalhos de Tavares, a exemplo da literatura de cordel e dos contos fantásticos. O diretor utiliza, ainda, um processo similar ao de uma clássica obra brasileira. “Adjetivando o substantivo ‘silibrina’, nos mesmos moldes que o poeta João Cabral de Melo Neto adjetivou o nome próprio ‘Severina’, no seu emblemático *Morte e Vida Severina* (1955), procurei sugerir que a expressão ‘*Saga e Sina Silibrina*’ reflete a fecunda trajetória do escritor e compositor Braulio Tavares: uma vida e uma

obra regidas pela busca curiosa e lúdica do saber”, explica.

Ao encampar as múltiplas entrevistas que vem produzindo em uma década e meia, tocando, inclusive, em temas pessoais e que dificilmente tornariam-se públicos, o diretor deparou-se com um dado que lhe soou espantosa — no momento, Braulio não pode “dar-se ao luxo” de parar de trabalhar, já que, são poucos os escritores que conseguem manter renda fixa. “Nos seus primeiros anos como artista, acreditava, de maneira um pouco ingênua ou idealista, que, na velhice, viveria somente de direitos autorais. Então, me surpreendeu saber que, mesmo trabalhando arduamente durante mais de cinco décadas, deixando um legado imenso e importante, ele não pode parar, descansar, pois não tem essa opção”, afirma.

Dentre as sequências mais importantes de *Braulio Tavares – Saga e Sina Silibrina* está, segundo Cláudio Brito, o encontro do protagonista com Gumerindo Rocha Dorea, mítico editor de ficção científica no Brasil. As filmagens aconteceram antes do falecimento deste último, em 2021. Diante de dezenas de horas de material gravado, o diretor pretende lançar um corte principal, em longa-metragem, e outros, em média e seriados. “Sou um ‘propagandista’ de livros. Costumo dizer que tudo que me comove, me move. E a obra de Braulio me cativa profundamente. Por isso, meu desejo, como realizador, é apresentar o versátil e criativo artista Braulio Tavares e, dessa forma, despertar o interesse do público”, conclui.



Foto: Clara Lenira/Reprodução

Na infância (acima), Braulio e a irmã, Clotilde Tavares, brincando o Carnaval; o paraibano no palco (à esq.) em uma das diversas apresentações; e o “operário da palavra” nos dias atuais (à dir.)

Foto: Maria Flor Brazil/Reprodução

Com a palavra, o operário

Solteiro e recém-instalado em um novo apartamento no estado fluminense, Bráulio Tavares foi casado por três vezes e é pai de três filhos: com a atriz Arly Arnaud, a “Lili”, concebeu Maria Nayara; com a empresária Emília Veras trouxe ao mundo Gabriel; e com a arquiteta Cristina Evelise, teve a caçula, Luanda. “Temos todos uma relação afetuosa e respeitosa. Todo mundo entende e aceita o meu trabalho, inclusive com as incertezas financeiras (o artista é um desempregado permanente, que toda semana aposta na loteria de si mesmo). (Sobre ser notívago em determinados contextos de trabalho) Nunca tive problemas por dormir tarde e acordar tarde, por exemplo. Quando é preciso acordar cedo, eu acordo”, justifica.

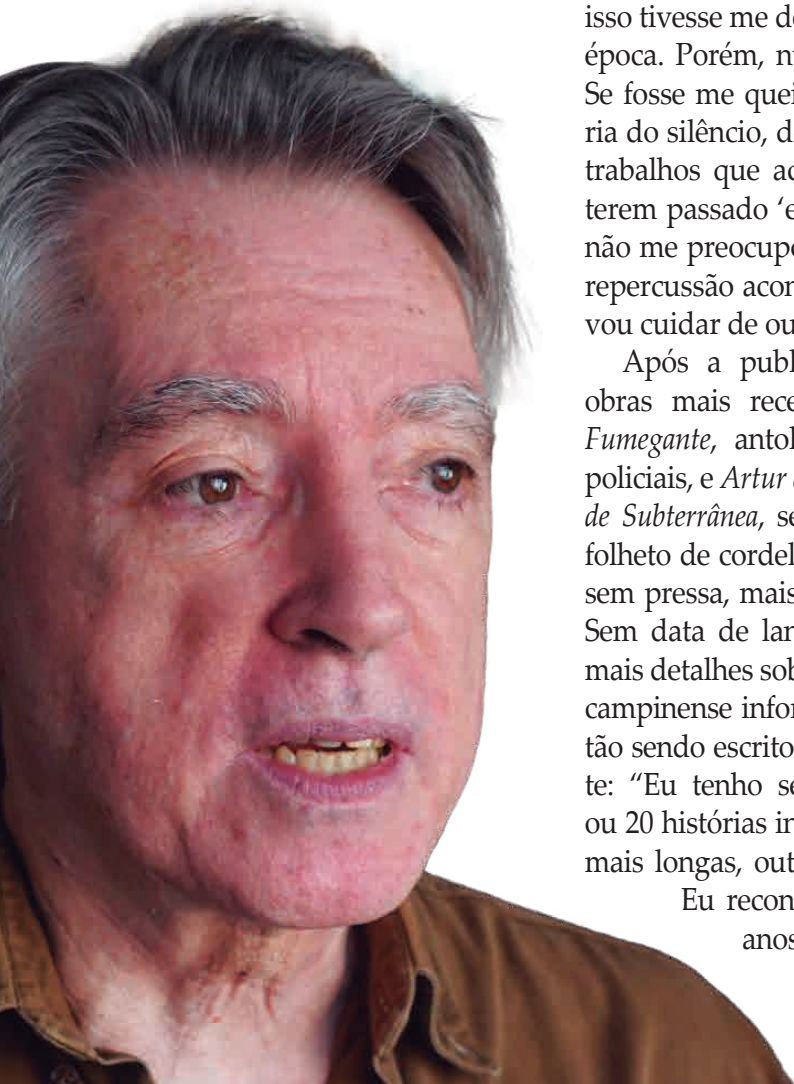


Foto: João Carlos Beltrão/Reprodução

Da esq. para dir.: Cláudio Brito, diretor do documentário; Bráulio Tavares, o personagem, e Gumercindo Rocha Dorea (1924–2021), mítico editor de ficção científica no Brasil

Diante do êxito aparentemente unânime nos projetos que apresentamos nas páginas anteriores, questionamos Bráulio sobre como ele lida com um eventual fracasso profissional; ele prontamente nos respondeu que não mede seus trabalhos em termos de sucesso ou insucesso, mas se diz grato por nunca ter recebido críticas, de fato, negativas: “Se meu primeiro livro tivesse sido criticado com violência, talvez isso tivesse me desestimulado na época. Porém, nunca aconteceu. Se fosse me queixar de algo, seria do silêncio, do fato de alguns trabalhos que acho importantes terem passado ‘em branco’. Mas não me preocupo, acho que essa repercussão acontecerá um dia e vou cuidar de outra coisa”.

Após a publicação de suas obras mais recentes — *Cidade Fumegante*, antologia de contos policiais, e *Artur e Isadora na Cidade Subterrânea*, sequência de seu folheto de cordel —, ele prepara, sem pressa, mais dois romances. Sem data de lançamento e sem mais detalhes sobre os projetos, o campinense informa que eles estão sendo escritos paulatinamente: “Eu tenho sempre umas 15 ou 20 histórias inacabadas, umas mais longas, outras mais curtas.

Eu reconheci que aos 75 anos seria mais ajuí-

zado terminar o que já foi começado do que ficar todo mês começando um livro novo. Então, nas horas vagas no meio do ‘trabalho externo’, abro um desses arquivos, escrevo duas ou três páginas, e vou avançando”.

A expressão “operário da palavra”, importante ao longo desse projeto multimídia da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), foi ouvida pelo jornalista Reginaldo Venâncio durante uma entrevista ao vivo, que o “raio da silibrina” concedeu há muitos anos. Mas Bráulio Tavares considera-se, de fato, um operário da palavra? “Quando eu mexo com cinema, teatro ou música popular, estou mexendo através da palavra. Agora, operário, não no sentido somente de que estou trabalhando para os outros, para ganhar a vida. Se eu tivesse muito dinheiro no banco e uma sobrevivência garantida pelos próximos 30 anos, eu continuaria escrevendo. Escrevo porque eu me realizo quando eu faço uma coisa bem-feita”.

Esmejoano Lincol é repórter do caderno de Cultura do Jornal A União. Também é mestre em Comunicação pela UFPB. Mora em Rio Tinto (PB).

Reginaldo Venâncio nasceu e mora em João Pessoa. É jornalista formado pela UFPB e atua como locutor na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).



Luxo e Capitalismo

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Ocorre-me, neste momento, observar que nós, que fazemos da leitura nossa ocupação mais relevante, podemos também ter gratas surpresas, ao visitar nossas modestas bibliotecas particulares. É certo que ninguém há de afirmar que já leu todos os livros que tem em casa. Sempre há alguns que recebemos, ou mesmo compramos, e deixamos de lado por razões diversas: excesso de trabalho, mudança do foco de interesse, prioridades momentâneas... que mais? O fato é que acabam esquecidos entre outros, nas nossas estantes improvisadas.

E aí pode surgir o lampejo. Minha atenção foi atraída por um livrinho que descobri espremido, na horizontal, sobre uma bela coleção (*História em Revista*). Seu título: *Lujo y Capitalismo*. Autor: Werner Sombart (1863–1941), em edição espanhola. Verifiquei a data, que costumo pôr ao lado da minha assinatura, na primeira

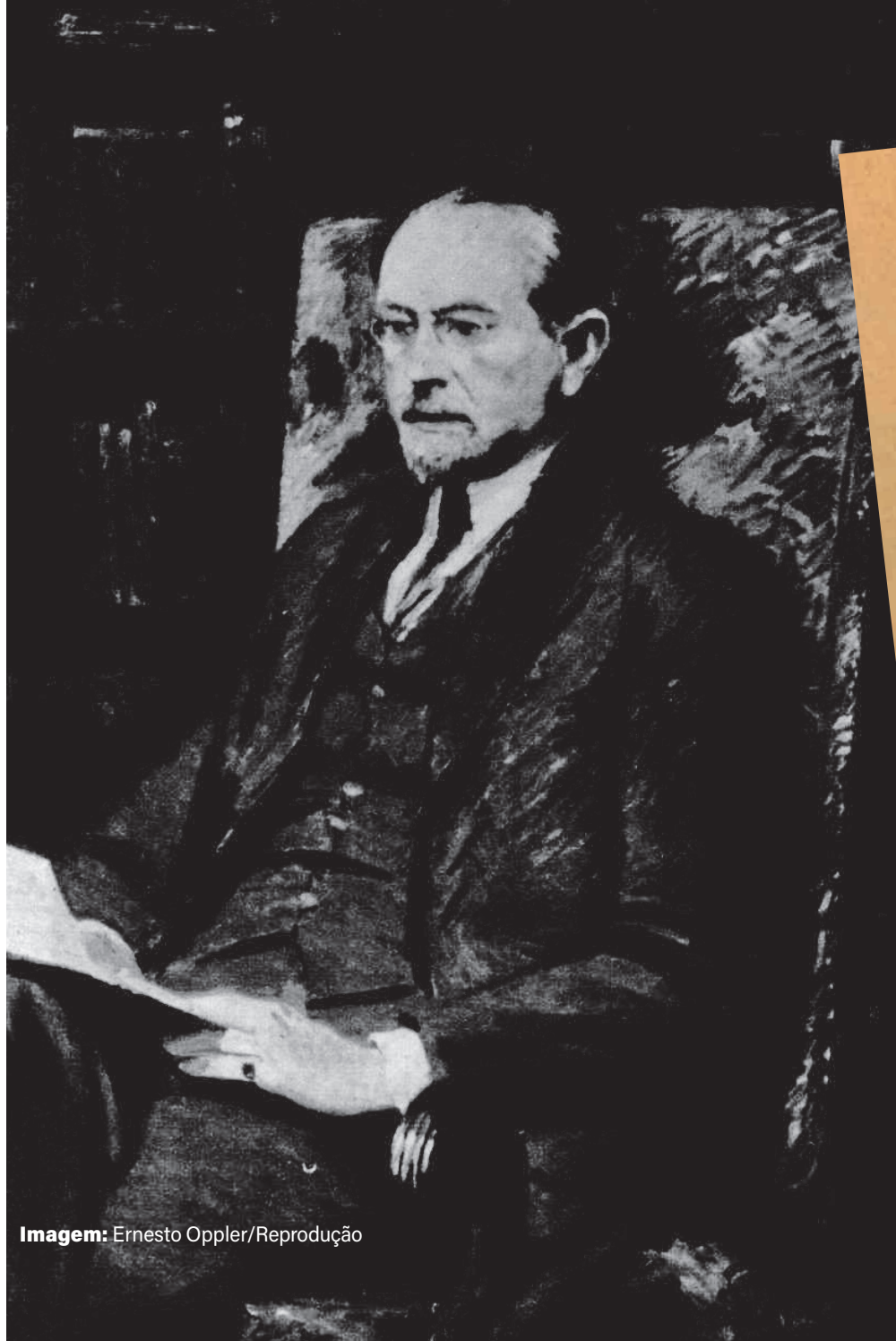


Imagem: Ernesto Oppler/Reprodução

**Principal linha do
livro de Sombart,
como o título o
indica, é demonstrar
que o sistema
capitalista é fruto dos
anseios de luxo dos
"ricos", sobretudo
nos países europeus**

Ao lado, retrato do sociólogo
e economista alemão Werner
Sombart (1863–1941); abaixo,
uma edição espanhola de
"Lujo y Capitalismo", da
Ediciones Sequitur

Werner Sombart
Lujo y capitalismo

Imagem: Reprodução/Ediciones Sequitur

folha: 1969. Há 56 anos, portanto. E não tenho nenhuma lembrança de como e onde o comprei. O fato é que ele dormiu todo esse tempo ao alcance da minha mão. Como já disse um escritor famoso, os livros são pacientes.

Já ouvira falar do autor, contemporâneo de Max Weber (1864–1920) na virada do século 19 para o 20, ambos sociólogos de formação não marxista, com elevado conceito em suas análises sobre o sistema econômico da livre iniciativa, então florescente. E me senti tentado a ver o que me dizia o mestre, em seu livrinho.

Cabe aqui a ressalva de que, após a falência do chamado socialismo real, com o desmanche da União Soviética e o restabelecimento, em diferentes graus, da liberdade de empreender em seus satélites — desvanecendo-se assim o nosso sonho de uma sociedade humana alternativa, equânime e solidária — a crítica ao capitalismo saiu de moda. Agora fala-se no "fim da História", e entoam-se loas ao mecanismo de mercado, numa postura quase hagiológica. Podemos, no entanto, num exercício de humildade, perquirir como surgiu tal fenômeno. Se já não o encaramos como um avantesma, tampouco se justifica considerá-lo agora um avatar.

A principal linha do livro de Sombart, como o título o indica, é demonstrar que o sistema capitalista é fruto dos anseios de luxo dos "ricos", sobretudo nos países europeus: França, Itália, Inglaterra, Alemanha. E mais que isso: das exigências das amantes de nobres, mesmo já decadentes, e burgueses endinheirados, novos ricos. Eram as cortesãs, as *maîtresses*, como está ex-

presso na última frase do livro, que reproduzirei ao final deste texto. Ao tempo de Luiz XIV, o “Rei Sol”, algumas ficaram famosas: Madame de Pompadour e a condessa Du Barry são dadas como exemplos.

É impressionante a quantidade de dados estatísticos a que recorre o autor, com apoio em numerosos livros, documentos e registros, para demonstrar sua tese sobre as origens “bastardas” do capitalismo. Não havia, àquele tempo — para mais uma surpresa nossa — orçamentos secretos, nem contas sigilosas. E assim, mesmo as despesas mais íntimas do “Rei Sol”, como as dos demais burocratas ricos e poderosos, eram conhecidas de todos. Algo inimaginável nos dias de hoje — para nossa vergonha.

Mas há um importante aspecto da profunda transformação sofrida pela humanidade nos albores da Idade Moderna, que é omitido por Sombart. É certo que as mudanças começaram ainda na Idade Média, com o desvelar da cortina do Extremo Oriente, a Rota da Seda e as Cruzadas. Mas a explosão de riqueza que permitiu satisfazer o luxo dos capitalistas veio com as colônias das Américas e da África e a escravidão dos nativos dessas paragens.

A omissão consiste, portanto, na desconsideração desse fator para o custeio do luxo exigido pelas amantes dos ricos, e por eles prodigalizado, com todos os seus desdobramentos. Pois é certo que a nova conjuntura econômica impulsionou a formação de uma classe média urbana quase inexistente nos burgos medievais. Ficaram de fora aqueles que compunham o que Sombart chama de *mi-*



Imagem: Hyacinthe Rigaud/Reprodução

No “Decameron”, Boccaccio (ao lado) revelava a riqueza de um filho do Papa Sixto IV e dos abusos de outros papas, quando o papado esteve dividido entre Roma e Avignon

Na época, as despesas mais íntimas de Luiz XIV, o "Rei Sol" (ao lado), como as dos demais burocratas ricos e poderosos, eram conhecidas de todos

sera contribuens plebs, onde se situavam, nos primórdios do capitalismo, entre outros, os próprios trabalhadores industriais, produtores dos bens e serviços que não podiam comprar.

São surpreendentes as riquezas proporcionadas pela escravidão dos nativos das colônias europeias, nas Américas e na África, e pelo próprio tráfico de escravos. O ouro, a prata e o cobre do Novo Mundo, nos primeiros tempos, seguidos do açúcar, tabaco, cacau e café, foram os geradores das fortunas dos novos ricos, satirizados nos personagens de Molière (*O Burguês Fidalgo*) e de Eça de Queiroz (*Os Maias*), este último na pessoa do bisonho filho de um traficante endinheirado. Ao ponto de alguns analistas da história imaginarem que, sem tal afluxo de riqueza, a humanidade poderia ter mergulhado numa segunda Idade Média.

É de ser registrado que o capitalismo, para viabilizar-se em seus primórdios, promoveu, com o escravismo, uma regressão sobre as relações produtivas medievais, onde prevalecia o sistema mais brando da servidão da gleba. Com o agravante da brutalidade e da torpeza da transferência forçada de milhões de negros das feitorias africanas para o Novo Continente, implicando a perda de incontáveis vidas humanas. Um epi-

sódio da nossa história que merece todas as objurgatórias do velho Marx sobre a acumulação primitiva do capital no processo civilizatório.

Mas voltemos à ideia central do livro, que é o capitalismo como fruto do luxo propiciado pelos burgueses ricos e pelos aristocratas às suas amantes. Entre elas, tanto as *femmes entretenues*, de um único patrocinador, como as *cocotes*, beneficiadas por vários indivíduos. Note-se que o mundo intelectual reconhecia e avalizava a situação. Voltaire admitia o luxo, com a expressão: *le superflu, chose très nécessaire*. Hume falava em um luxo "bom" e outro "mau". E até Boccaccio, em seu *Decameron*, revelava simpatia pelos anseios das freirinhas em relação às delícias do amor carnal com os varões. O autor fala ainda da extravagante riqueza de um filho (?) do Papa Sixto IV e dos abusos de outros papas, quando o papado esteve dividido entre Roma e Avignon.

Por outro lado, em repetidas citações, a instituição do casamento é referida como apenas fruto de interesses patrimoniais e de "status" social, sem a mais leve sombra de sentimento amoroso. Tudo ratificando a tese sombartiana expressa na frase final do livro, abaixo transcrita:

Asi, el lujo, hijo, como hemos visto, legítimo del amor ilegítimo, es el generador del capitalismo.

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como "Geração 59". Publicou 'Praia do Flamengo, 132', 'Coco de roda', 'Administração & Planejamento', 'Lira dos Anos Dourados' e 'Sonata de Outono'. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Imagem: Andrea del Castagno/Reprodução



Amador Ribeiro Neto
amador.ribeiro17@gmail.com

Festas

semióticas



Maria do Carmo Ferreira,

inédita em livro, aos 85 anos de idade

Em uma coleção de três volumes, o Brasil descobre a maior poeta mulher da história desse gênero

Em 2024, a Martelo Casa Editorial, de Goiânia (GO), lança uma obra que veio para ficar como um dos marcos mais importantes da história da literatura brasileira. São três volumes de poesia da então inédita Maria do Carmo Ferreira, hoje com 86 anos de idade, publicada o ano passado, quando tinha 85.

Arredia às publicações, surgiu e desapareceu para o trio Noigandres — Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos —, nos anos 1960. Nas palavras de Décio, “entusiasmei-me e publiquei um poema dela (*meretrilho*) na *Invenção* (revista criada e editada pelos poetas concretos). Sempre gostei de seus poemas e sempre fiquei esperando mais. Quando surgia um novo poema de Maria do Carmo, eu me



Maria do Carmo nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1938; atualmente, ela vive em Niterói, no Rio de Janeiro

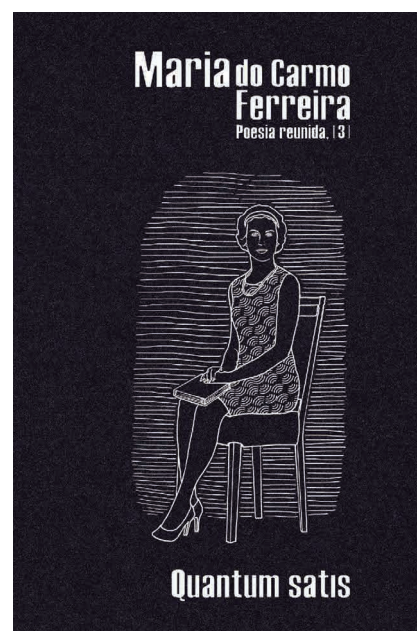
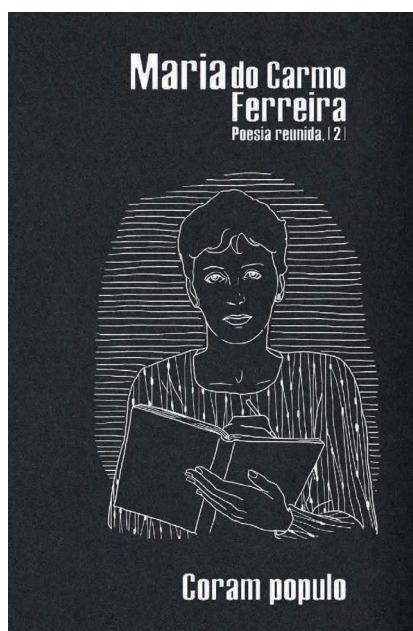
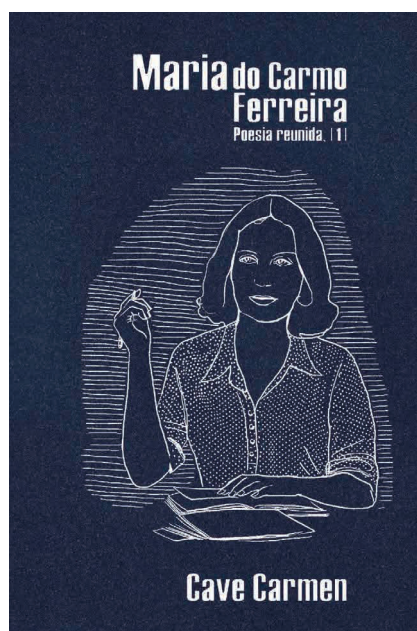
Foto: Reprodução/Facebook

interessava. Mas ela aparecia de desaparecia, brincando de esconde-esconde com a poesia e com o público. Cada palavra que escreve quer dizer alguma coisa. Ela tem um jeito moderno, forte e agressivo”.

A poeta recorda: “Em São Paulo, fui recebida com carinho pelo Augusto, Haroldo e Décio e suas respectivas mulheres, e até tive o privilégio de ver um poema meu publicado no número 5 de uma revista deles, *Invenção*, que infelizmente parou nesse número. Mas eu não tinha maturidade emocional/social/intelectual para conviver com a tríade e o que produziam, já em nível internacional. E fugi novamente. A poesia concreta deu um grande empurrão no meu tratamento da palavra e muito mais consciência de seu valor verbo/voco/visual. Mas continuei e continuo meu caminho, fazendo o que posso, ousando o que faço. Meus poetas preferidos continuam a ser Bandeira, Drummond, Cassiano Ricardo, Cecília e João Cabral de Melo Neto”.

Coram populo, Cave Carmen e *Quantum Satis* (em tradução com ajuda do meu amigo e professor doutor de latim da UFPB, Felipe Almeida, “Dian-

**“Nunca falo
sobre mim
mesma, a não
ser me velando-
-e-desvelando,
através de
minha persona
poética”**



Com ilustrações de Caio Borges, "Cave Carmen", "Coram populo" e "Quantum satis" são os três volumes da coleção "Poesia Reunida, 1966-2009", de autoria da Maria do Carmo Ferreira

te do povo", "Cuidado com a poesia" e "Tanto quanto o suficiente") são os títulos de suas três obras recém-lançadas e organizadas por Fabrício Marques e Silvana Guimarães, sob o título de *Poesia Reunida, 1966-2009* (Martelo, 2024).

Foi graças à persistência de Fabrício e Silvana que Maria do Carmo concordou, depois de muita insistência, com a publicação de sua obra, organizada tematicamente e revista em cartas ou por telefone. É bom frisar que, embora Fabrício tenha publicado, ao longo dos anos, dezenas de poemas de Maria do Carmo no *Suplemento Literário Minas Gerais*, que dirigia, nem ele e nem Silvana conhecem Maria do Carmo pessoalmente. A reclusão da poeta é absoluta. Os dois vivem em Belo Horizonte (MG) e ela, atualmente, em Niterói (RJ).

"Nunca falo sobre mim mesma, a não ser me velando-e-desvelando, através de minha persona poética".

Maria do Carmo Ferreira nasceu em 1938, em Cataguanas (MG). Aos 14 anos, mudou-se, com a família, para Belo Horizonte, onde graduou-se

em Letras pela UFMG. No ano de 1970, viaja aos Estados Unidos para cursar o mestrado em Literatura Comparada. Quatro anos depois, entre Europa e Estados Unidos, volta ao Brasil, fixa-se em São Paulo e trabalha como auxiliar de publicidade. Mais quatro anos e muda-se para o Rio de Janeiro para trabalhar na Rádio MEC como criadora, pesquisadora, redatora e coordenadora de programas literários. Ali apresenta-se. Na década de 1980, muda-se para Niterói, onde reside atualmente.

Ao justificar o abandono da poesia, pontua: "Eu cultuava o ofício poético. Escrever era a minha maneira de comunicar-me com o mundo. Hoje, cultuo apenas a religião. A poesia não me trouxe a resposta. Acredito sinceramente que sem a graça de Deus eu teria me tornado, aos poucos, uma irredutível céptica ou ateia".

Em abril de 2020, a poeta crítica, em depoimento a Fabrício Marques, a mesmice reinante na cena poética: "E os diluidores? Você abre uma página de qualquer bom suplemento literário e tudo o que lê nos novos

novíssimos é absolutamente previsível: escreve-se bem, escreve-se pouco, escreve-se com tiradas de humor, mas não se consegue dizer nada, absolutamente nada original. Todos os poemas poderiam ser assinados (ou 'assas/sinados') por um mesmo e único autor".

Sobre a poesia de Maria do Carmo Ferreira, os organizadores de seus livros se manifestam:

Fabrício Marques: "Achei diferente de tudo o que eu conhecia até ali, e continuo achando. "Neste mundo cindido, marcado pela negação dos princípios mais básicos de defesa dos direitos humanos, da ciência, da arte e das minorias, a poesia de Maria do Carmo oferece uma dimensão ética em que a linguagem pode ser uma possível reserva ecológica, apontando para novos caminhos".

Silvana Guimarães: "Carminha não dá à sua poesia a importância que ela tem. A sua modéstia é absurdamente desproporcional ao seu ímpeto poético".

Vamos deixar a poeta falar por si mesma. Poemas de Maria do Carmo Ferreira:

Enigmas

Tu me tens acesa
como um pé de cacto.

Ai que eu te adivinho
ai que eu te arrebató
para os meus espinhos.

Tu me tens libérrima
como um sol. Intacta.

Ai que eu te anoiteço
ai que eu te atravesso
minha luz que mata.

Tu me tens crescente
como a lua. Fállica.

Ai que eu te quebranto
como um caco de espelho.
Ai que eu te de'capto.

Tu me tens sonâmbula
como uma ampolheta.

Ai que eu te ensandeco
ai que eu te esfacelo
na uretra do tempo.

Tu me tens é medo
esfinge de oráculo.

Rimbaud et l'air

[para Fabrício Marques,
com quem dividido este
poema, pelo toque & pelo
mote]

Poeta sou,
mas
pelo avesso
chegado ao extremo:
não faço versos.

Verti ao olho
& al dente
uma estação no inferno.

Não vou nessa de Dan-
te:
é sem acompanhante
que trafego

pelas profundas de
mim mesmo.

*Ao justificar o abandono da poesia,
pontua: "Escrever era a minha
maneira de comunicar-me
com o mundo. Hoje,
cultuo apenas a
religião"*

Autorretrato

Nasci no rame-rame das
abóboras.
Meu plano é horizontal.
Vivo de cócoras.

Se me ergo, me espatifo.
A gravidade
Colou meu ser ao chão:
cresço à vontade.

A crosta é dura. No cor-
po volumoso,
a polpa é só fartura e
paga o esforço

de rastejar como uma
tartaruga
e refletir ao sol minha ar-
madura.

Uma fome objetiva me
devora
como a dos porcos que
não comem pérolas

ou a dos pobres que não
comem porcos.
Com ou sem sal, metáfo-
ra ou pletora,

viro alimento no mo-
mento justo.
Ao fogo brando e lento
mais me aguço.

Não sinto a tentação das
ramas altas:
maracujá, chuchu, nada
me exalta.

Nem mesmo a solidão
das uvas verdes
quando o desdém dos
homens as prescreve.

No ventre universal,
ocupo um espaço.
A vida faz-se em mim.
Vegeto, e passo.



Foto: Reprodução/Jornal Rascunho

Balanço, afinal

[dedicado a Silvana Guimarães]

Não sou a palmatória deste mundo caduco.
Não sou Bauducco, panetone.
Minhas mãos não batem palmas
nem amassam o sweet sour food com o suor do meu rosto.

Toda causa em que creio, antes de crer, abraço-a
e, depois, tome polca.

Do mundo, esse virtual, já tiro o time.
Não adentrei o outro a que resisto
e, insistem, existe,
no qual passeio ao longo e ao largo a minha história.

Nem sei mesmo se sou, por mais que uma expertise me perguntasse atônita: a essa altura?
Sinto vertigens, visse?
Tresando. Rastejei.

Não a troco do pão de cada dia, vindo sempre em maná, de cambulhada.
Gosto insosso.

Coleando, cobra-d'água, sem bolsa de veneno
e sem defesa.
E, mais ou menos, sem água.

Sigo em frente. O mundo é grande e pequeno,
disse o mestre ao que desse em sua lição de coisas.
Cumpro sem alegria o meu dever.
Vagamundeio outras galáxias.
Há mundos paralelos.
E tudo por fazer.

Do livro de Léa

[in memoriam]

I
Há um muro de vidro
de cujo lado oposto
você é minha irmã.

Há um limo há um lodo
de cuja flor de lótus
você é a guardiã.

Há um fundo de poço
refletido em seu rosto
que me atrai como um ímã.

II
Eu me calo porque
o que eu não sei você
não saberei falando.

Eu não falo porque
não há nenhum você
em mim verbalizando-se.

Eu, testemunha tácita
do seu silêncio ecoando:
até cair o pano.

Hard-heart

Não nos conhecemos,
mas em altas horas
alçamos o voo
no globo da morte
(inter/intra/nautas)
de acordados sonhos
e assuntos em pauta
nos fios da *web*.

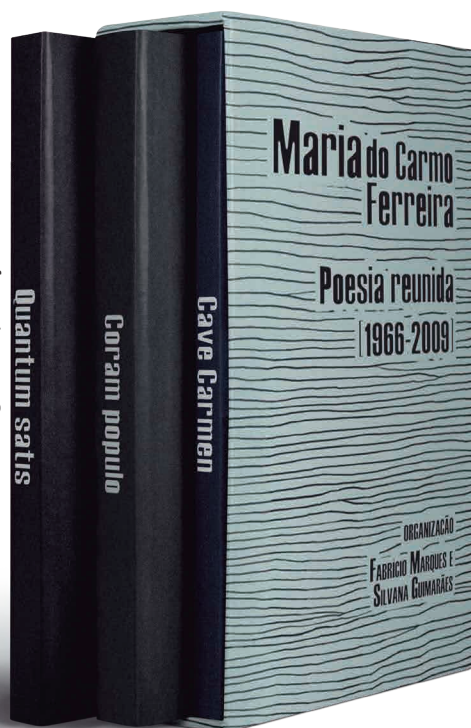
E é como se fôramos
amigas de infância
na mesma cidade
onde temos casas
que não enclausuram
a necessidade
de tecermos juntas
as malhas da *web*.

Como se gaivotas
sobrevoadando mundos
em outras memórias
que da estratosfera
abrangessem tudo
desse azul profundo
(rasante mergulho)
nos mares da *web*.

Hard-heart, o nosso,
rijo das batalhas
que nada têm hoje
de corsos, confetes
e lança-perfume
salvo as serpentinhas
(braças quilométricas)
de fluidos & luzes:

por dentro da *web*.

Imagens: Reprodução/Martelo Casa Editorial



Caixa com as três coletâneas: Maria do Carmo vem para marcar a linguagem poética brasileira e interferir na cena de produção poética contemporânea

Cave Carmen

Se eu tivesse encarado
teu compósiton Di-amante
versus volpi-cavalcanti?

se mula tácita *impromptu*
censuras nassau-sonantes
cam & com páris *granted*?

poi cio tivesse atestado
paolo e francesc'a mando
em coração-de-estuDante?

Passeios vago-sempáticos

Maria do Carmo Ferreira, ela própria esclarece, “os leitores poderão pensar que na ‘terceira idade’ explodi, como um fenômeno. Não posso me aproveitar disso, nem quero: escrevi aos 20, 30, 40, 50 e 60, por mais que houvesse lacuna de até quase uma década entre o que venho escrevendo, antes, dando a ver a público. O certo é que minha escritura é intermitente. Não significa que deixei para ‘estourar’ na maturidade (que até hoje não sinto), com uns 200 poemas praticamente inéditos, ou seja, uns 50 publicados principalmente no SLMG, uma dezena mais esparsamente, por aí, e o resto rigorosamente inédito, poemas que venho escrevendo e, não raras vezes modificando, desde a década de 1960”.

Em depoimento a Fabrício Marques, em 1999, quando animou-se a publicar seus poemas em livro, mas depois acabou desistindo, declarou: “Meus poemas vão do mais ingênuo ao mais sofisticado, do mais hermético ao *stream of consciousness* (o que eu pre-

firo chamar de ‘passe livre’, por virem à tona de um jato, conquanto, internamente elaborados, simplesmente deixando fluir, como Deus quer), de poemas sofridos e retalhados, pesquisando palavras em suas aversões/atrações, até a contagem mínima de letras em cada verso. Tudo muito sincrético, nem sempre muito sintético, como deveria ser, *hélas...* faço o que posso e ousa o que faço”.

Ao final da leitura e reiteradas releituras dos três volumes de *Poesia Reunida* (1966–2009), com toda segurança o leitor de poesia pode afirmar que não há ao longo da história da poesia brasileira uma poeta mulher do porte de Maria do Carmo Ferreira. E considere-se que este é um país de grandes mulheres poetas, Gilka Machado, Hilda Hilst, Simone Andrade Neves, Alice Ruiz, entre outras.

Poesia como a de Maria do Carmo Ferreira vem para marcar a linguagem poética brasileira e interferir na cena de produção poética contemporânea. Ela é forte, tem o que dizer e sabe dizê-lo de variados modos contundentes. Corta como bisturi e faz fendas que estimulam o aparecimento de matérias poéticas com assinaturas singulares. Contra o mero raspão, sua linguagem rasga a forma, na ideia e na musicalidade, desassociando-os numa concreitude de paixão e elaboração poéticas.

O que sua poesia proporciona vem em pulsões de vivazes ações da palavra, pulstando sem cessar em minas de novos versos. Por isso mesmo, o que o leitor sente ao ler seus poemas é um prazer repetido, júbilo diante de belezas reiteradas pela cons-

ciência e domínio técnicos do ofício da palavra.

Se, como ela própria declara, num determinado momento conta sílabas e as espacializa na página e em outro escreve de súbito, este último procedimento não elimina o ato inconsciente de conhecimento teórico das teorias e técnicas poéticas. Afinal, escrever não é ato de inspiração ao deus dará, mas produto de leituras e estudos da literatura, de outras artes e áreas afins.

Em Maria do Carmo sente-se que cada poema, hermético ou fluente, a indissolubilidade da equação valeryana de som e sentido está plenamente realizada. Assim, palavra e emoção (do sentimento e da mente) presenteiam o leitor a cada página destes três volumes e, sem favor algum, situam-na à frente de todas as poetisas mulheres da poesia brasileira, como ao lado de nossos grandes poetas, que ela mesma admira, Bandeira, Drummond.

Voltando a Valéry, ele diz que reconhece-se um poeta de fato quando ele faz o leitor sentir-se “inspirado”. Maria do Carmo Ferreira com seu *poiésis* — ou seja, com seu modo de fazer absolutamente original, absolutamente de Mestre, na terminologia de Pound, ou seja, aquele que inventou um modo de dizer e que, por isso, gera modos de fazer para outros poetas e artistas — revitaliza, renova e reinventa a poesia brasileira contemporânea.

Amador Ribeiro é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



Entre silêncios, perdas e afetos

Carluce Couto fala da sua estreia literária com “Aos que morrem em silêncio”, obra que traça um retrato delicado e potente da experiência feminina

Nélida Campos

Especial para o Correio das Artes

Publicado pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), em 2024, *Aos que morrem em silêncio* marca a estreia literária da escritora Carluce Couto, e já se revela uma obra de grande sensibilidade e profundidade. Entre silêncios, perdas e afetos, Couto traça um retrato delicado e potente da experiência feminina, especialmente das perdas, por saudades ou por lutos, que se acumulam ao longo da vida.

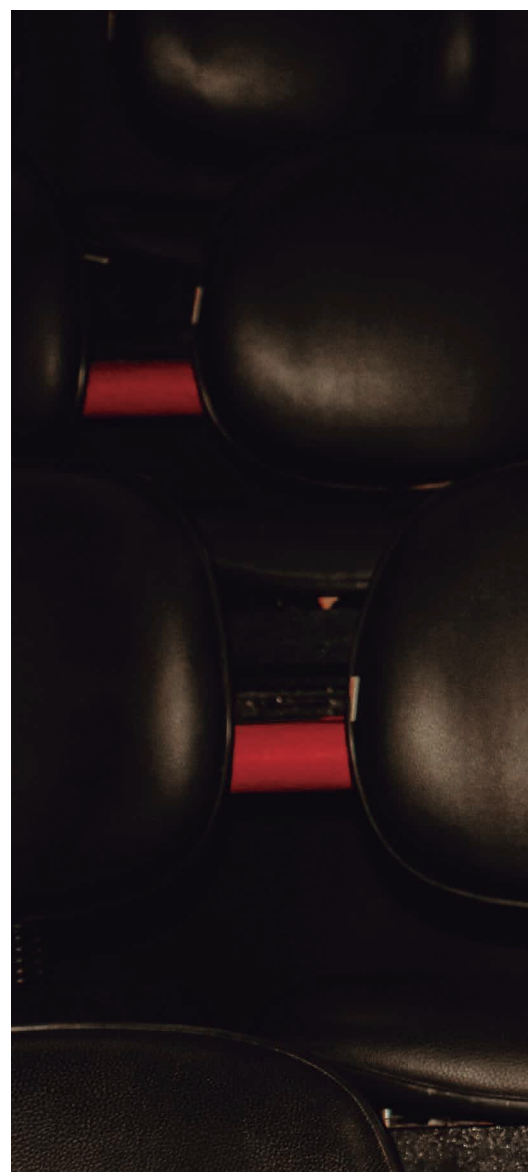
Aos que morrem em silêncio é uma narrativa que mergulha na solidão de existências intensas e, por vezes, invisíveis. Carluce Couto conduz o leitor por entre personagens que, à sua maneira, encontram felicidade na rotina — esse cotidiano que muitos consideram banal, mas que carrega profundezas silenciosas.

A autora revela com sensibilidade as nuances da vida comum, que pode parecer uma maresia monótona ou, em certos momentos, se transformar em um mar revolto de emoções, como exemplifica o episódio perturbador do nascimento de um filho em meio ao bloco de Carnaval. As histórias expõem silêncios que gritam, dores contidas e afetos que se acomodam no não dito (a falta que sua tia fez a personagem Bebel).

Trata-se de uma obra que convida à reflexão sobre os modos de viver e morrer no silêncio que habita os dias aparentemente ordinários. Mas vivemos mesmo como o mar, às vezes serenos e calmos, apenas contemplando nossa existência. Entretanto, a maré sobe, e vêm as ressacas que atrapalham e mexem com tudo em volta — e olha que de ressaca, entendemos.

A escritora traz um emaranhado de histórias, que giram em torno da vida da tão esplêndida Bebel: “acho que só sei viver quando gozo”. Frase que deu uma reviravolta no ato de pensar se realmente sabemos viver sem gozar. Porque, no fundo, o que é viver sem prazer? Sem o arrepio de um toque, a gargalhada inesperada, o gosto do inesperado na boca? Bebel, com sua liberdade controlada e sua intensidade

Fotos: Arquivo pessoal



secreta e íntima, nos provoca a repensar o modo como temos ocupado nossos corpos, nossos desejos, nossas vontades.

Ela escancara aquilo que muitos preferem manter trancado: o desejo de ser inteira e enxerga inspiração na liberdade da sua tia Sara. Em sua jornada, vemos a coragem de quem vive com o coração exposto, sangrando e pulsando, mesmo quando o mundo insiste em silenciar o que não se encaixa.

Esses momentos de turbulência revelam quem somos de verdade: nossas forças, fragilidades, silêncios e esperanças. Quão forte é o segredo de Sara, que só o confia a uma pes-

soa, de sua inteira confiança. Coragem e subjugação fazem parte de sua história, cada uma a seu tempo.

E é justamente isso que Carluce Couto nos entrega: vidas aparentemente comuns, mas que carregam oceanos inteiros dentro de si. Cada personagem é uma onda que se forma lentamente deixando sua marca na areia. São pessoas que aprenderam a sobreviver ao cotidiano, mesmo quando ele vem carregado de ausências, perdas, lutos, de dores abafadas, de amores não correspondidos

No fundo, o silêncio abstrai-do nas entrelinhas das histórias presentes na micro atmosfera

ficcional não é vazio — é cheio de tudo o que não foi dito, mas sentido profundamente. E talvez a maior beleza do livro seja essa: nos mostrar que até o silêncio tem som, e que viver, em silêncio, ainda é um ato de resistência.

E talvez seja por isso que Bebel fascina — em sua ousadia discreta, ela não pede licença para existir. Ela vive. E nos convida a fazer o mesmo: a sair do piloto automático, a gozar o instante, a não apenas sobreviver, mas sentir.

Conversamos com Carluce Couto que nos falou um pouco sobre suas personagens e temas centrais em seu romance:

Obra acompanha a vida e o amadurecimento de Bebel, uma jovem adulta que rememora sua infância enquanto enfrenta perdas pessoais; o romance convida à reflexão sobre os modos de viver e morrer no silêncio que habita os dias aparentemente ordinários

Imagem: Divulgação/Cepe



■ De que forma você utiliza o silêncio como recurso narrativo para evidenciar as dores e as resistências de suas personagens?

Acredito que o ápice do silêncio seja a própria morte – a morte real, definitiva. O luto, nesse sentido, talvez seja uma tentativa de organizar esse vazio de tudo, essa ausência que não se limita à falta de sons, mas que também se estende aos cheiros, aos toques... Enfim, tudo aquilo que compõe a presença de uma pessoa.

Mas o silêncio não está apenas vinculado à morte concreta; ele ocupa um lugar central na vida. No livro, ele aparece como uma sombra que revela tanto a dor quanto a resistência das personagens. É desses silêncios que derivam as mortes simbólicas também presentes no livro.

Um exemplo que me ocorre agora é o caso da personagem que sofre por amar sem ser correspondida. Há uma ruptura na comunicação entre esta e a personagem que não a ama. Mesmo que ela tente se expressar por meio de palavras, elas não poderão ser compreendidas pelo outro. Da mesma forma, o outro também não será compreendido, mesmo que demonstre todos os sinais de desinteresse. E essa falha de comunicação traz como consequência um silêncio intransponível.

Outros rastros de silêncio atravessam a trama de maneira ainda mais sutil. A palavra, dependendo de quem a diz, pode ser desconsiderada, desvalorizada, ignorada. E quando a fala não tem legitimidade, quando é julgada como fraca, exagerada, ou até ridícula, o silêncio atua enquanto morte: da dignidade, da integridade...

■ A protagonista do livro é uma advogada que decide romper com sua trajetória profissional em busca de uma vida completamente diferente. Essa transição tem alguma inspiração autobiográfica?

Bebel tem 32 anos quando é nomeada sócia de um escritório de advocacia prestigiado. Naquele momento, ela se depara com um vazio porque, até chegar ali, ela sabia para onde ir. Seguiu à risca a cartilha da aluna exemplar: foi boa estudante, fez estágio, se formou, passou na OAB, começou a trabalhar no mesmo escritório onde havia estagiado e se tornou sócia. Agora havia um descompasso, uma existência ainda por escrever, e ela se viu em desequilíbrio. Não sabia o que mais querer. Um acontecimento fora do seu controle faz com que ela “se jogue no mundo” e parta para outra cidade para trabalhar com algo completamente diferente (em um sebo de livros).

Eu concluí a faculdade de Direito e, no mesmo ano, passei no vestibular para fazer Teatro. Então, essa minha “desvinculação” ocorreu bem

mais cedo do que a de Bebel. É certo que eu sofri com muitas dúvidas enquanto era uma estudante universitária — tanto que cheguei a cursar Direito e Filosofia ao mesmo tempo, mas tive que abandonar Filosofia porque os horários das aulas conflitavam —, mas creio que muitas pessoas passem por dúvidas acerca de qual carreira seguir, ainda mais quando se entra na faculdade por volta dos 18 anos de idade.

Então, sim, posso dizer que compartilhei dessa angústia parecida com a de Bebel, mas isso não torna o livro autobiográfico. As personagens têm uma história somente delas. Até porque, para mim, o mais gostoso de escrever ficção, é que eu posso brincar de ser Deus!

■ Ao trazer para o romance o episódio de um estupro dentro do meio artístico, você evidencia a subjugação da figura feminina, um reflexo de uma realidade ainda presente em diversas esferas de poder da sociedade. Qual a sua visão sobre as lutas contra o machismo estrutural e como a literatura pode contribuir nesse enfrentamento.

Mesmo nos espaços socialmente percebidos como progressistas, como é o caso do meio artístico, as opressões seguem operando.

Para Carluce Couto, o silêncio não está apenas vinculado à morte concreta; ele ocupa um lugar central na vida



Muitas vezes de forma disfarçada, mas ainda presentes, reafirmando hierarquias que conhecemos bem. É justamente por isso que acredito na potência da literatura para desnaturalizar o que parece dado, para interromper o fluxo do “sempre foi assim”.

Quando a literatura desloca o olhar, ela também abre espaço para questionar estruturas que sustentam a desigualdade. E isso é urgente, sobretudo quando pensamos no lugar das mulheres dentro desse campo. É curioso perceber que, apesar de mais da metade do público leitor no Brasil ser composto por mulheres, como mostram os dados mais recentes do IBGE, as autoras ainda são minoria nos catálogos das editoras, nos prêmios, nos grandes circuitos de visibilidade. E se afinarmos ainda mais esse olhar, levando em conta os recortes de classe, raça e origem regional, fica evidente que certas vozes seguem sistematicamente deslegitimadas. Existe uma disparidade aí que não é casual.

Falando agora da obra literária em si: a literatura pode tanto reforçar as opressões quanto questioná-las. E, para isso, o livro não precisa ter uma abordagem didática ou panfletária. Não se trata de explicar, mas de criar personagens que escapam dos estereótipos e que ocupam a cena com toda a sua complexidade, contradição e presença.

■ **De certa forma, Bebel representa a sua própria luta por uma liberdade sem julgamentos? Há espelhos entre a trajetória dela e suas vivências pessoais como mulher e artista?**

Talvez Bebel tenha encontrado uma maneira de se livrar de um de controle que, em grande parte, era operado por ela mesma. Um tipo de rigidez que ela aprendeu a cultivar. Quando a

narrativa começa, ela está justamente nesse ponto de ruptura: algo dentro dela se esgota. E então ela se lança ao abismo como uma tentativa de se descobrir de novo. E é nesse abismo que ela se apaixona pela primeira vez — porque a paixão é a perda do controle, afinal. Quem sabe aí esteja a ligação mais forte entre nós. Essa vontade de viver o que ainda não tem nome, mesmo que isso assuste.

“É curioso perceber que, apesar de mais da metade do público leitor no Brasil ser composto por mulheres,(...) as autoras ainda são minoria nos catálogos das editoras, nos prêmios, nos grandes circuitos de visibilidade”

■ **A literatura contemporânea escrita por mulheres tem ganhado cada vez mais espaço, embora ainda enfrente barreiras. Como enxerga o cenário atual?**

Tenho acompanhado com alegria a produção literária feita por mulheres. É um momento potente, marcado por uma pluralidade de estilos. É bonito ver como tantas escritoras estão publicando, sendo lidas e abrindo caminhos umas para as outras. Nossa literatura é muito rica e eu me sinto feliz por viver e escrever neste tempo.

■ **As personagens femininas da obra são densas, e sobretudo,**

reais. Como foi construir essas mulheres?

Acho verdadeiramente importante, no processo de escrita, estar aberta às complexidades de cada personagem. Uma personagem pode ser marcada pela dor e ainda assim manter sua força. Da mesma forma que pode aparentar ser uma pessoa resiliente e, em certos momentos, ceder à fragilidade. Esses contrastes é que as tornam mais humanas, mais críveis.

■ **O romance alterna memórias da infância, perdas familiares e vivências urbanas em diferentes cidades. Como foi o processo de costurar essas camadas temporais e afetivas?**

Num primeiro momento, esses saltos temporais surgiram de forma bastante natural — as memórias de infância da personagem foram se revelando aos poucos. Acredito que isso acontece porque a criança que fomos explica muito do adulto que nos tornamos. E eu, particularmente, gosto desse olhar infantil sobre o mundo: um olhar de espanto, mas também de muita invenção, que coloca uma camada de fábula sobre a realidade.

Algo semelhante aconteceu com os espaços. A mudança de cidade abre para Bebel a possibilidade de se reinventar. Ela sai de Salvador para, curiosamente, desacelerar em São Paulo (o que é uma brincadeira com o estereótipo da cidade caótica e *workaholic*). E é em São Paulo, que ela mergulha nas lembranças do avô, da tia, e reencontra a criança que foi um dia. Isso traz uma perspectiva nova para o presente.

Nélida Campos tem formação em Letras e Pedagogia, atuando como professora de inglês, além de especialização em psicopedagogia. Escritora e entusiasta da literatura, acredita no poder transformador da leitura e da educação.



Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

Afinal, o que quer uma mulher?



Amador

Foto: Reprodução/Modo de usar & co

Viajava para São Paulo. Após uma turbulência, ainda meio apavorada, lembrei-me do seu nome. O seu nome, carregado de significados, pairou sobre mim: Amor, dor e mar.

Como o bebê que busca o peito, sedento de amor, chora para evitar a dor e precisa ser salvo. No mar da vida, buscamos amor e fugimos da dor. Alguém já deve ter mergulhado nesse nome: Amador – amador, amor e dor – decifrando a passagem da vida.

No meu universo particular, há muitas almas admiráveis, pessoas que contemplo e a quem agradeço. Observo para admirar; agradeço porque a vida vale a pena, apesar da vida. Sou um ser fincado nas paixões.

Quando conheci o movimento modernista, morri de amores. Vivia dando voltas para saber mais e melhor. Naquele tempo, havia apenas livros, nada de Google. Eu tinha 15 anos, e ninguém queria minha empolgação. Imagino como teria sido bom ter você como amigo naquela época.

Certa vez, entrei em sua casa e perguntei por um quadro de 1976, ano em que nasci. Você não lembrava, até eu notar aquela tela com um boi-bumbá. Você sorriu e explicou: “Essa é a tela de 76”. O Nordeste já vivia em suas mãos. Penso que a expressão pelas telas faz o sujeito assomar pelas mãos. Penso em você sempre. Porque pessoas raras são lembranças ímpares. Lembro sempre e muito e tanto. So-

bretudo, quando vejo algo que me fisga. Meu atual momento é olhar, olho porque não procuro nada, mas vivo atenta. Gosto de gostar. Gosto de me apaixonar pelos inexplicáveis presentes da vida. A mesma vida segue entre amor e dor.

Lembro quando descobri a poesia de Matilde Campilho. Impossível pensar em outra coisa que não fosse cada palavra escrita ou dita por ela. Desejei enxergar seu mundo. Nessa época, ainda não éramos amigos. Somos amigos há pouco tempo — e o que é o tempo senão invenção limitante?

Digo isso pelo fato de, em meio à turbulência, não ter me lembrado de amigos antigos:



lembrei-me do seu olhar sorrindo, sorriso de dois anos. É, o tempo é invenção. Já disseram que seus olhos sorriem? Eles unem-se aos lábios e formam canoas, daquelas que ancoram no São Francisco.

Você me deu uma amizade única: forte, verdadeira. Em menos de dois anos, aprendi com você que falar menos é crucial, que trazer alegria é melhor que discursar contra o ruim, que não devemos absorver o que não é nosso. Confraternizar sempre. Sobremesa é coisa séria. A intenção do abraço vale tanto quanto o abraço, se for verdadeira.

Você se surpreendeu quando ofereci meu abraço. Foi das raras pessoas a captar meu emaranhado de verdades. Muitas vezes, falei com o coração, e você compreendeu. Não é de se admirar: um poeta sente. Às vezes, penso que só os poetas sublinham um sentimento.

Formidável quando marcamos encontro, e você diz: “Tenho algo para falar – não faça nada antes disso”. Foi assim na última vez em que almoçamos em minha casa: cometi o erro de esquecer a sobremesa, esqueci o doce da formiga. Grande falha. Ainda bem que conheço alguém que faz doce sem açúcar, já que você tirou o doce da dieta. O importante é que não ficarei em

dívida. O doce mineiro ainda está em casa. Se mudar de ideia e voltar a ser formiga, ele estará à sua espera.

Também estou a esperar, seja por pessoas como você ou por mim. Gosto de esperar pelo meu melhor. Esperando a vida fluir. Ando aberta a viver, mesmo com medo. Já contei que sou medrosa?

Descobri que o medo é um inimigo sagaz. Impediu-me de tantas coisas por tanto tempo! Hoje sei que nada é fácil; a vida é batalha constante. Estamos sempre em guerra contra nós mesmos, e você sabe disso. Quando está no seu campo de batalha, torço para a guerra dar trégua, sei que talvez não tenha fim. Até lá, voltamos à frente.

Às vezes, passamos alguma temporada sem encontros. É difícil acostumar-me à sua ausência, você é grande e espaçoso. Ocupa um lugar enorme dentro de mim. Sem sua presença, o vazio fica quase gigante. Não sei mensurar; sei muito pouco. Muito pouco mesmo.

Por ter aprendido tanto contigo, volto a ter medo. Olha ele de novo. Tenho medo de te perder. E se você me esquece? Fui uma criança sem chão; difícil ela sair de mim. Se eu te falasse isso, seria um belo sorriso.

Uma vez, sonhei que estavas numa estação de trem. A sensação era que estavas demorando.

Suas mãos precisam do barro. Tens marca registrada: és artista múltiplo. Acordei acreditando que ainda estava na estação a sua procura. E lembrei que as mãos e o barro foram conselho de Maria dos Mares para você.

Lembra que te dei o recado dela? Por falar nela, às vezes, imagino que deva sentir falta do mar, assim como eu sinto falta de um café em boa companhia. Semana passada, recordei quando você me corrigiu sobre “energias ruins”. Achei alguém mais cético do que eu.

E, por falar nisso, ando voltando a falar com Deus. Sinto-me bem com essa retomada. Ter fé e acreditar ajudam a esperar. Peço por você, mesmo que não creia, eu creio por nós dois. Rezo à Virgem Maria e a Deus Pai.

Nunca gostei de brincar de esconde-esconde. Perder dói, mesmo que por um tempo, mesmo sabendo que, a qualquer momento, essa agonia irá passar. Até lá, já se foi um bocado de sentimentalidades.

Querido Amador: isto não é crônica, tampouco carta, muito menos artigo. Jamais seria um poema. Porque não sei fazer poemas. Escrevo para aliviar o sentimento. Eu sempre sinto demais. Sou mulher dos excessos, meus sintomas cruzam-se entre sentir e negar. Contigo, nada nego: muito sinto.



Agda Aquino e João Pedrosa



Agda Aquino

Especial para o Correio das Artes

Quem poderia imaginar que compartilhar ideias fotográficas no Instagram seria um ato de comunhão entre fotógrafos em estado de sobrevivência? Foi isso que aconteceu na explosão da Covid-19, no auge do isolamento, em 2020. Como válvula de escape, eu, jornalista e professora de fotografia, comecei a compartilhar tutoriais um tanto inusitados de como fazer *selfies* inventivas em casa e João Pedrosa foi o primeiro a apostar que isso poderia virar algo maior. Aliás, foi ele que deu a ideia de estimular as pessoas a fazerem o mesmo e acabou criando uma verdadeira corrente de diversão fotográfica online, uma realidade paralela. O resultado foi um conjunto belo, divertido e estimulante de exercícios fotográficos.

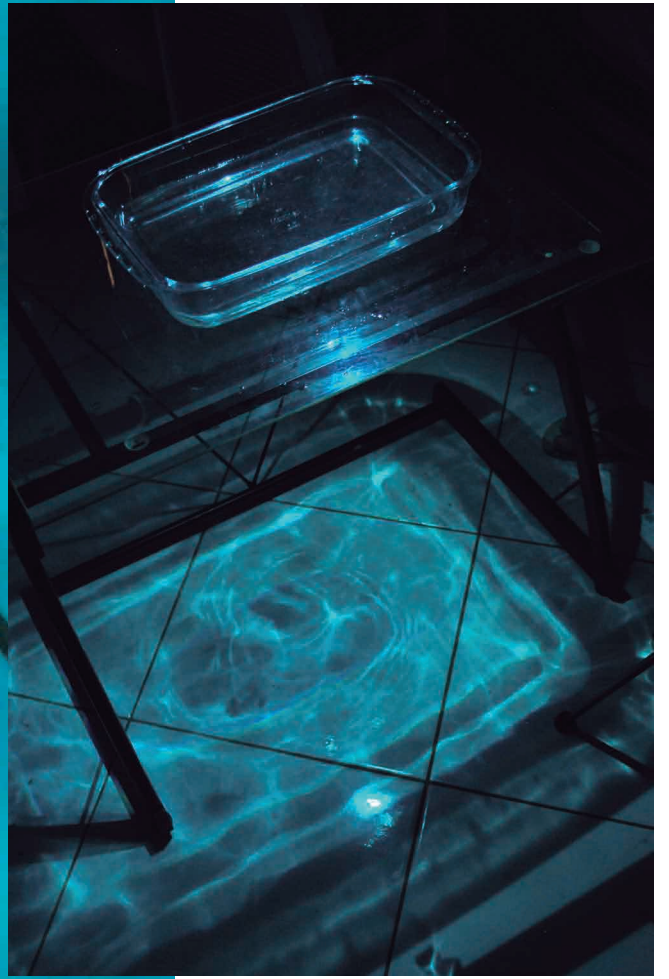
Mas a nossa história em comum é marcada pelo cruzamento entre fotografia e educação muito an-

tes disso, uns 15 anos atrás, pelo menos. Eu como professora e ele, aluno, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), compartilhando a paixão pelo fotojornalismo em um mundo fotograficamente fechado para nós. Os projetos vieram ali, nas salas e corredores do curso de Jornalismo: um ensaio fotográfico artístico, a participação em um concurso de fotografia, o TCC sobre fotografia e semiótica... a gente abraçou essa arte de todas as formas possíveis. E no fim, ela nos abraçou também. Especializações, mestrados, doutorado, exposições, projetos, trabalhos e concursos.

Depois de tudo, nós ocupamos hoje lugares que foram muito sonhados. Compartilhamos a fotografia como uma maneira de viver no mundo, mas mais do que isso, também como uma forma de conexão.



























Agda Aquino ensina fotografia desde 2007. Formada em Jornalismo e doutora em Educação, atua como docente do curso de Jornalismo da UFPB sendo a primeira mulher a assumir, por concurso, o ensino de fotografia na instituição. É amiga de João.

João Pedrosa concluiu a sua graduação e o seu mestrado em Jornalismo na UFPB. Não se contenta com a notícia fria e utiliza a luz como ferramenta pedagógica e inclusiva em suas imagens. Atualmente, é repórter fotográfico e supervisor de fotografia do Jornal **A União**. É amigo de Agda.

O narrador que dança

Narrativas dos contos de Aldo Lopes de Araújo transcendem o mero entretenimento e mergulham profundamente nas nuances da condição humana

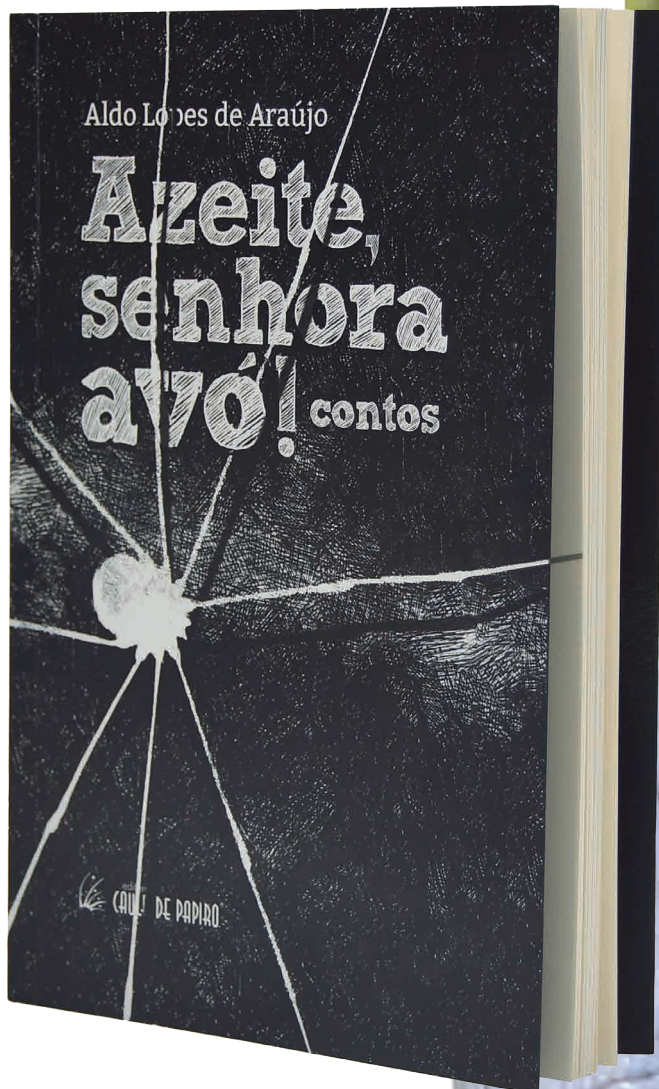
Maria das Neves Franca

Especial para o *Correio das Artes*

Com honesta e confessa avareza agarro-me aos contos de Aldo Lopes de Araújo, um mestre de vitalidade imaginativa e de agressivo cuidado com a palavra. Um fabricante de êxitos linguísticos. Agarrada na aldrava de *Azeite, senhora avó!*, fustigo o desassossego do deslizar vagaroso do tempo pela madrugada e aventuro-me pelos caminhos abrasadores de suas palavras, me deixo incendiar, rendida ao poder despótico da beleza de sua literatura.

Enquanto o mundo vai roendo as nossas mais simples alegrias, seus contos me levam a arroubos inauditos e a sublimes arrebatamentos. A ele se aplica o que nos diz Hans Jauss, o escritor e crítico literário alemão: o difícil não é ler, é “desler”. Em Aldo, não se trata apenas de ler o conto, mas de “desler”, mergulhar num processo mais complexo de desconstruir interpretações superficiais e ir além, muito

Foto: Carlos Rodrigo



Capa da coletânea de contos “Azeite, senhora avó!”; a morte é um tema recorrente nas histórias de Lopes, refletindo uma visão soturna da existência



Foto: Alessandra Regia/Divulgação

além, do que se apreende expresso na letra. Ir ao silêncio, ao não dito, às linhas e entrelinhas, às pausas, porque há uma riqueza extraordinariamente bela e profunda no que está escrito ali na nossa frente.

Aldo cria atmosferas sombrias, explora temas complexos. Seus contos exemplificam sua habilidade em construir narrativas que transcendem o mero entretenimento e mergulham profundamente nas nuances da condição humana. Muitos de seus personagens são retratados em estado de solidão extrema, refletindo o desespero e a tragicidade da experiência humana.

É notável sua preocupação com as estruturas narrativas e a economia da linguagem. Seu interesse em temas como a inevitabilidade do fim, a solidão, a loucura, a aridez da terra e da alma dão profundidade filosófica à sua obra, marcada por tragédias pessoais.

A morte é um tema recorrente em suas histórias, refletindo uma visão soturna da existência. Elementos sobrenaturais são comuns em suas narrativas, despertando o medo e o mistério, desafiando as fronteiras entre a realidade e o fantástico.

Seus contos albergam-nos desde as primeiras frases no fascínio de um realismo mágico, intenso e avassalador, que ele domina como poucos e enormes como Gabriel Garcia Marques e Jorge Luís Borges. Leio e releio com voracidade as suas páginas, degusto cada frase, demoro-me em cada palavra, distanciando-me cada vez mais da realidade ruidosa, descorada e esmaecida que nos rodeia a todos. Saio de cada conto como quem sai de um ato de amor, completamente esgotada e satisfeita, em plenitude e completude.

A arte de contar histórias é uma das mais antigas expressões da criatividade humana e os contos, com sua brevidade e intensidade têm a capacidade de capturar de maneira única a complexidade da existência. Ao examinar a obra de Aldo, sou levada a explorar não apenas os eventos narrativos, mas as sutilezas da condição humana.

O encanto estético dos contos, o esplendor misterioso das criações, dos enredos por menorizados de interesses, dores e paixões não dependem absolutamente de minhas considerações.

Construído com um entramado extraordinariamente poético de vida e morte, que lhe garante uma intensidade emotiva e uma profundidade esmagadoras, *Cão Maior* termina deixando um pasmo fatídico, excluído de qualquer palavra. O conto tem um conteúdo ético incontornável e bem contemporâneo. Deixa no ar uma pergunta já sugerida por Peter Singer que, entre outras, motivou sua expulsão da Alemanha. Singer afirma que não aprova nenhuma ética gravada em pedra e rejeita a sublime retórica sobre o mesmo valor de toda vida humana. E Clough, o poeta?

“Não matarás, mas não te empenharás em manter importunamente vivo”. Estão ali nas entrelinhas de *Cão Maior* questões inevitáveis: sacralidade ou qualidade de vida? Crime perverso ou prática generosa de uma eutanásia não voluntária?

No mesmo conto, como Tírsias, o adivinho cego que profetiza o trágico destino de Édipo, Aldo mostra o caráter divinatório de toda grande literatura, antecipando o aquecimento global e o sério problema da mudança climática: “A todo momento vovó nos enchia

de medo e insegurança. Escute o chiado da terra, ela dizia, como se o mundo fosse uma panela a poucos segundos do ponto de fervura. Hoje está mais quente do que ontem, e amanhã será pior..." O grande criador, o grande contista, tem o dom de penetrar no que não aparece para o olhar do simples mortal. Ele é um vidente, o que escuta o frêmito, o rumor silencioso que ecoa em seus ouvidos e lhe coloca num outro plano, diferente dos demais homens. Ele prevê, pressente.

Os escritos de Aldo são labirintos de mistérios, com passagens secretas e caminhos velados que provocam descobertas. "Em sua cadeira de ve-

lha, vovó agora fala como uma sonâmbula, a voz entrecortada por uma respiração difícil. Ela puxa o fio dos sonhos, essa teia misteriosa estendida sobre a gente...". Somos feitos da matéria de nossos sonhos, não é o que nos ensina Shakespeare? Essa teia misteriosa se estende sobre a gente, mas poucos se encorajam a se lançar no risco de puxar um fio... Há uma não palavra atravessando todo o dito de Aldo Lopes de Araújo, tão rica de sentido que comove... O que ele diz genialmente em linguagem literária, Antonio Ruíz expressa na linguagem da pintura. No óleo sobre tela *O Sonho da Malinche*, estendida sobre a mulher ador-

mecida surge a teia misteriosa do sonho dando origem a tudo. Um "Noturno" de Chopin, um par de sapatos camponeses de Van Gogh, um aforismo de Nietzsche, "a criança que escapole e corre por um descampado em direção ao precipício" são tessituras de fios de sonhos. Pintor e escritor, em linguagens diferentes, falam do mesmo espaço, o espaço da vida. O maravilhoso são os nexos possíveis entre o conto e o quadro... nele há elementos que se encontram no conto, o que permite afirmar uma relação entre ambos: "*El sueño de la Malinche* (1939), de Antonio Ruíz, 'el Corcito', es una obra muy pequeña, delta maño de un retablo

Na tela "*O Sonho da Malinche*", de Antonio M. Ruíz (1892-1964), estendida sobre a mulher adormecida surge a teia misteriosa do sonho dando origem a tudo



tradicional. Enella se mezclan el realismo social, el indigenismo, el realismo mágico y el surrealismo; está repleta de simbolismos y detalles torno a la identidad mexicana. La pintura muestra a una mujer dormida: su cuerpo aparece como una tierra en la que se gesta un escenario rural coronado por una iglesia colonial española. Estos elementos arquitectónicos y natural están inspirados en la ciudad de Cholula, considerada la más antigua de América”.

Distante dos cânones positivistas e avessa a estes, permito-me fazer esses exercícios de interpretação, deliciosas reações hermenêuticas.

Insinuando-se pela referência ao Mau Jesus, responsável

pelos males das terras do Sarafim, encontro o paradoxo de Epicuro, que Aldo coloca magistralmente em poucas linhas: “E o açude do Bom Jesus era para ser açude do Mau Jesus, pela covardia do Céu, a renitência em negar chuva, em permitir que a gente andasse por onde há séculos andavam traíras, pacus e curimatãs, peixes que findaram morrendo nas poças de lama por falta de ar e espaço”. Numa fulgurante intuição literária, Aldo traz à reflexão o problema do mal no mundo, colocado por Epicuro. Para o hedonista grego, é impossível conciliar a existência do mal com a ideia de um bom Deus, um Deus onipotente, onisciente, benevolente. Se Deus é onipotente, pode acabar com o mal; se ele é onisciente, sabe que o mal existe; se é benevolente, quer eliminar o mal. Ora, pode-se concluir que, se o mal existe, então um Deus com essas características não pode existir. O paradoxo de Epicuro desafia a compreensão tradicional de Deus e destaca a complexidade do problema do mal. Assim “...o açude do Bom Jesus era para ser açude do Mau Jesus”.

Nos contos de Aldo a vida se insinua com sua força dilacerante. Toda complexidade e riqueza da condição humana ele escancara com a palavra, rasga com a linguagem, esbugalha com uma narrativa extraordinariamente bem urdida. Como Tchekhov, Poe, Cortázar, Borges, Maupassant, ele explora as sutilezas da experiência humana. Seus contos estão contados com o aroma do prodigioso, a cor da aurora, a beleza inconfundível de tentativas reiteradas, de êxitos comovedores e ardentes, finalmente alcançados. Na serenidade de sua dacha na Serra dos Bernardinos,

**Elementos
sobrenaturais
são comuns em
suas narrativas,
despertando o medo e
o mistério, desafiando
as fronteiras entre
a realidade e o
fantástico**

alturas serenas e acolhedoras, santuário de criatividade, onde a natureza se entrelaça com a fúria de sua criação, Aldo exercita seu talento iluminador dos caminhos da literatura. Mas costuma dizer que tem grandes problemas com a escrita e que nem sempre se sai bem: “Consi-ga a duras penas porque escrevo devagar e reescrevo, e rasgo e teimo e sofro e suo”.

Estão aí, desveladas nesses tons confessionais, as razões pelas quais Aldo alcança as fronteiras extremas da grande Literatura. Essa é a luta interna que todos os grandes autores enfrentam ao longo do seu processo criativo. O ato de escrever devagar e reescrever mostra que a busca pela precisão e pela clareza é um caminho árduo; “rasgo”, “teimo”, “sofro” e “suo” pintam o quadro emocional e físico que a boa escrita exige. Essa sua luta é universal entre os grandes escritores. Dela nos fala Flaubert, para quem a escrita era um processo profundamente doloroso e exaustivo, a criação literária não era apenas um ato de inspiração, mas um trabalho meticuloso e muitas



Imagem: Reprodução/Denver Art Museum

vezes torturante. Em suas *Cartas Exemplares*, obra-prima epistolar da era moderna, “só comparáveis à correspondência de Bernard Shaw, ou às cartas entre Walter Benjamin e Gershom Scholem, ou entre Edmund Wilson e Nabokov” — no dizer de Francine du Plessix Gray, escritora e crítica literária franco-americana — Flaubert, o autor do célebre *Madame Bovary*, confessa que revisava obsessivamente seus textos, buscando a palavra exata e a estrutura perfeita. Esse processo era demorado e angustiante, levando-o a abandonar ou reescrever os textos inúmeras vezes. Artista atormentado por severa auto-crítica, Flaubert questionava constantemente seu talento e a qualidade de sua obra:

“(…) Há sete ou oito dias faço correções, tenho os nervos irritados. Eu me apresso e seria necessário fazer isto novamente. Descobrir em todas as frases palavras que deviam ser mudadas, consonâncias que devem ser retiradas etc! é um trabalho árduo, longo e no fundo muito humilhante. É aí que ocorrem aquelas pequenas mortificações interiores”; “Eu estou prestes a recopiar, corrigir e rasurar toda a primeira parte de *Bovary*. Os olhos me doem”; “Que coisa desgraçada que é a prosa. Não termina nunca. Tem-se que refazer sempre”; “A noite de domingo me apanhou no meio de uma página que me custou o dia inteiro e está longe de estar pronta”.

Apesar do sofrimento inerente a sua escrita, Flaubert encontrava beleza na precisão e na eloquência, buscando a estética perfeita. Essa luta entre dor e beleza se refletia em suas criações, em suas obras, que dão testemunho de sua genialidade e dos desafios do ato de escrever. Não só ele, mas ou-

tros grandes autores reconhecem que narrar é um caminho tortuoso repleto de esforços, dúvidas e anseios, mas o resultado dessa luta interna entre a realidade e as aspirações criativas são obras memoráveis. Penso que não pode ser de outra forma. Escrever requer pensamento crítico, emoção, atenção cuidadosa às palavras e ao significado que elas carregam. É um ato que demanda um mergulho nas nuances da linguagem e da experiência humana. Cada palavra escolhida carrega peso e intenção. Não se escreve um texto literário como quem pinta uma parede. Um texto busca comunicar ideias, provocar sentimentos, contar histórias. É um processo de construção que envolve uma profunda conexão entre o autor e seu conteúdo. A escrita é uma forma de arte que exige sensibilidade e cuidado. Hemingway dizia que a primeira versão de qualquer coisa é dejetivo, excremento, ou seja, a escrita inicial raramente é perfeita, o verdadeiro trabalho vem na revisão e edição. Scott Fitzgerald dizia que não se escreve uma novela como um ladrão que rouba, mas como um operário que assenta tijolos. É um trabalho árduo e metódico. E, como o próprio Aldo, Faulkner dizia “*eu nunca escrevo, eu reescrevo*”, destacando a importância da reescrita no processo criativo.

Penso que a criação literária é isso mesmo que ele extraordinariamente descreve, tanto um ato de arte quanto um trabalho árduo repleto de desafios e superações.

Nietzsche, que estendeu sua influência para muito além da filosofia, alcançando a literatura, a poesia e todos os âmbitos das belas artes, dizia que em qualquer homem autêntico existe uma criança querendo brin-

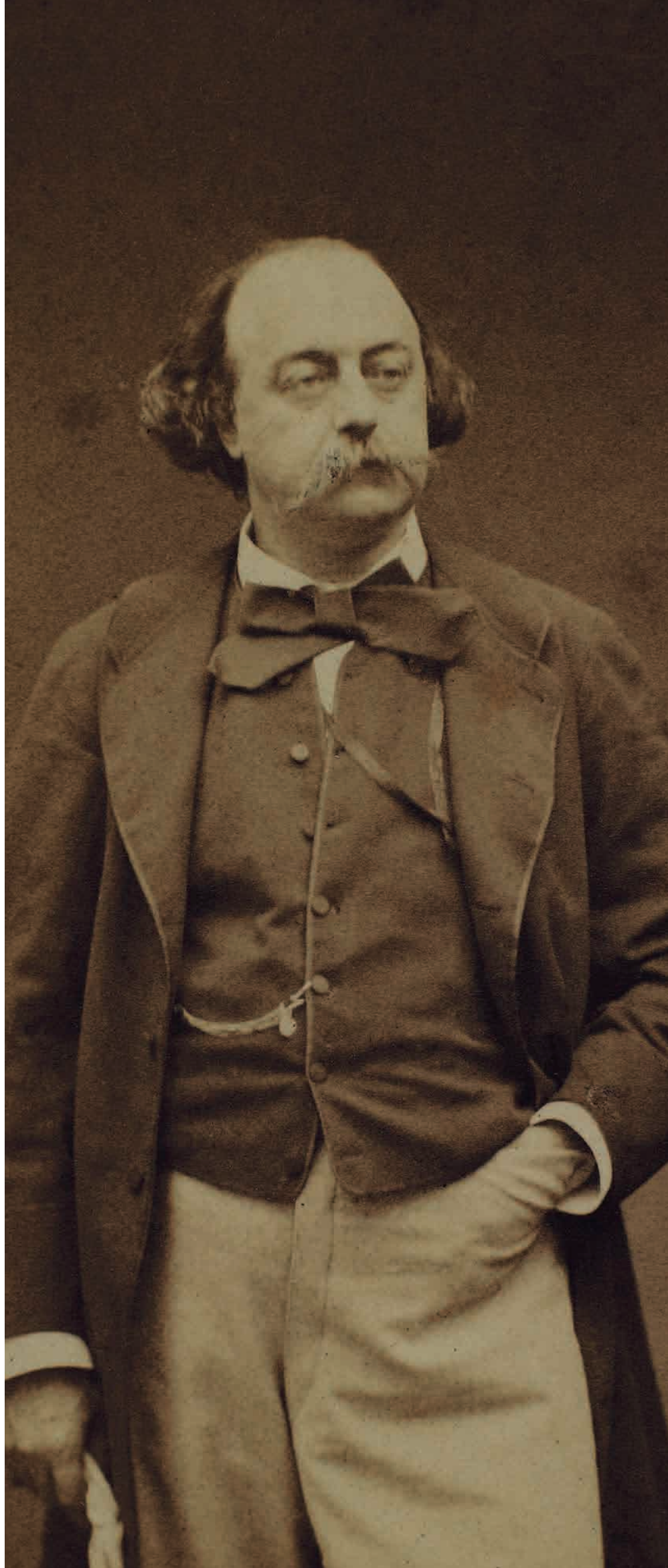
car. E eu adoro essa ludicidade, essa voz única de Aldo Lopes de Araújo nos chamando das alturas para a brincadeira, nos contando histórias de trancoso, histórias do seu extraordinário maravilhamento com o mundo e a condição humana. Ele é uma tempestade retórica, um mestre de sonhos. A força e a criatividade de suas narrativas, a riqueza de seus personagens, sua habilidade de criar mundos fantásticos tornam brincar com ele, testemunhar sua brincadeira com as palavras, com os silêncios e as pausas, ler o dito e o não dito na sua contação de histórias uma experiência mágica e inesquecível.

Para Nietzsche também, a dança é um critério estético, uma metáfora da criação literária, da liberdade, da superação. Reflete a cadência dos altos e baixos da vida, a aceitação da dualidade da existência. Ao dançar o indivíduo exalta e reivindica o valor do corpo, exercita sua capacidade de quebrar regras, questionar tradições, afirmar sua identidade única, alinhando-se a um ideal de autossuperação. Através da dança, ainda, os indivíduos têm a oportunidade de reinventar sua relação com o mundo, expressar sua força vital e sua determinação de viver plenamente. A prosa de Aldo Lopes de Araújo é rica e envolvente, seus personagens vividos e complexos. Ele dança, no dizer nietzschiano. Tem a habilidade de capturar a força e a fragilidade da condição humana, o que faz de sua escrita não apenas um deleite estético, mas também uma profunda experiência emocional. Suas palavras, poderosas e vívidas, tocam como uma violenta tempestade, como uma borrasca, com sua imprevisibilidade e ímpeto. Penetram na alma, despertando emoções

adormecidas, revelando verdades ocultas. Ele descreve com precisão poética as nuances da vida, fazendo com que seu ouvinte ou leitor pergunte sobre sua própria existência, suas alegrias, suas dores e projetos. A força de sua escrita não é só questão de estilo, mas também de autenticidade. Cada palavra parece carregada de um peso emocional, como se nascesse de uma fonte profunda de sabedoria e sofrimento. Suas narrativas são relâmpagos, que jorram luz sobre a escuridão dos caminhos do mundo.

O operador de cinema é o “senhor absoluto daquele aviamento de sonhos”; é assim que Aldo nos remete à natureza ilusória do cinema, onde as imagens projetadas são construções artísticas que podem evocar sentimentos e reflexões. O operador é o controlador dessa ilusão, navegando entre a fantasia e a realidade, é o arquétipo do criador, que pode moldar percepções e experiências, tem o poder de escolher quais sonhos serão projetados. Lendo Aldo Lopes de Araújo, somos arrastados para um espaço de introspecção e questionamentos. A borrasca dentro de nós, provocada por suas palavras, por seus personagens complexos e bem construídos,

Foto: Etienne Carjat/Reprodução



Escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880), o autor de "Madame Bovary", confessa que revisava obsessivamente os seus textos, buscando a palavra exata e a estrutura perfeita

que apresentam múltiplas facetas e vão além de um estereótipo ou de um papel unidimensional, pelos conflitos internos e externos que enfrentam, pelo uso de belas metáforas, não apenas revela a fragilidade da vida, a extraordinária beleza que reside na vulnerabilidade, mas é forte indicadora da profundidade da narrativa.

Sou grata a ele, bem como a autores como Guimarães Rosa, Anton Tchekhov, Guy de Maupassant e outros grandes por ser tocada por essa tempestade, essa força criativa, presenteada com essa genial expressão da condição humana, que me enriquece, me inspira, me desafia. É por ela que venço temores limitantes e ousa rabiscar essas notas, bosquejar esse comentário.

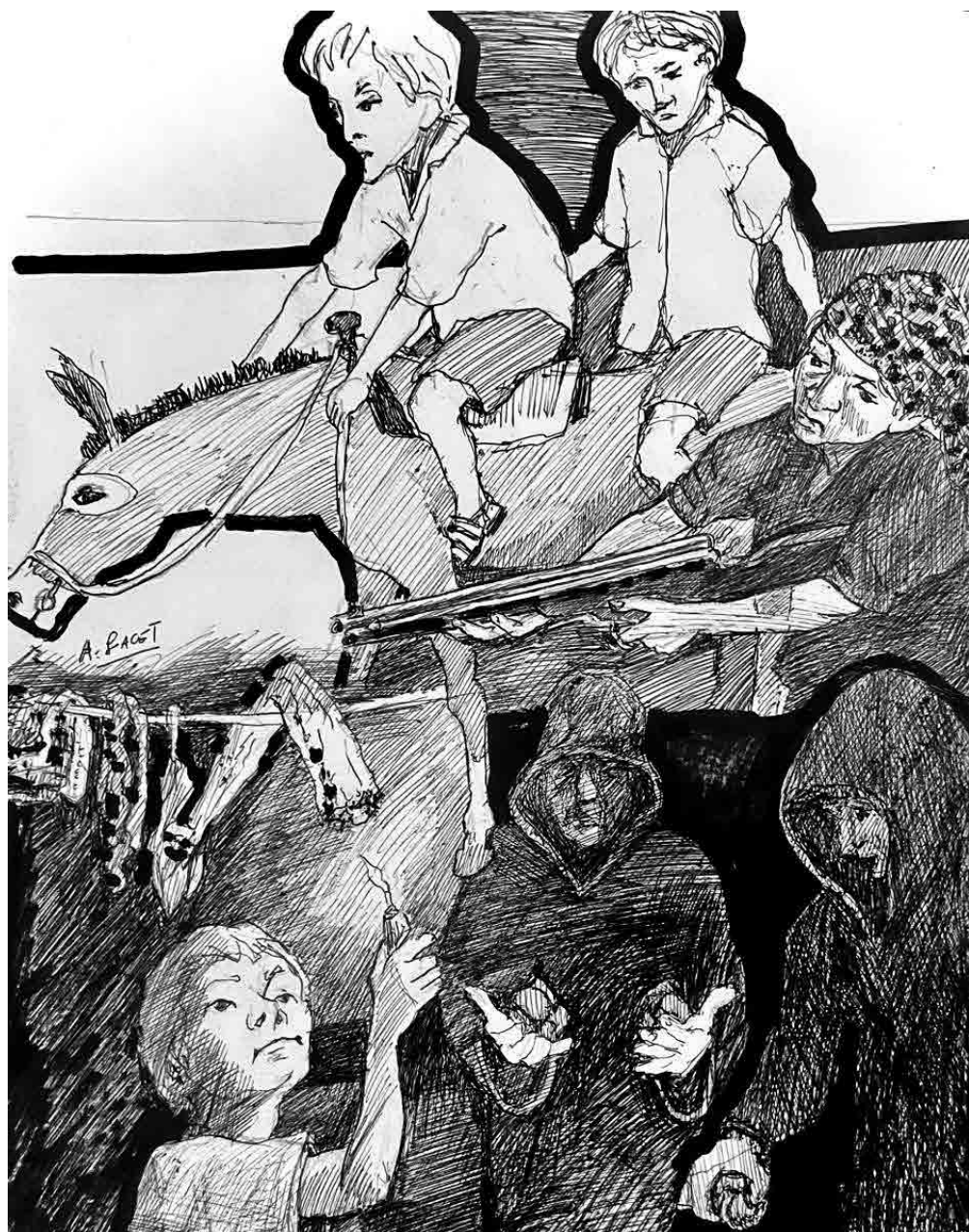
Devo dizer que não persigo os caminhos racionais que marcam a crítica literária costumeira. Minha leitura é de outra ordem. A linguagem atua como delicado fio, despindo camadas de inibições e medos... a narrativa, prosa ou poema, se transformando em um sussurro íntimo, encorajando a minha entrega apaixonada a ela.

Há textos como os contos de Aldo, os poemas de Hildeberto Barbosa Filho, as fábulas de Helder Moura, os sonetos de Arturo Gouveia — limitando-me a paraibanos — que estabelecem um campo de encantamento de efeito arrebatador. Mergulho neles pelas vias abrasadoras do meu coração e, ao fazê-lo, descubro mundos ocultos e verdades profundas que repercutem no profundo de mim mesma. Nunca procuro desmembrar a técnica. Nada sei dela, nem me interessa saber. Apenas me deixo levar pela correnteza das imagens, emoções e sonoridades que grandes autores, como eles, criam.

Imagens: Alberto Lacet/Divulgação



Obra conta com as ilustrações de Alberto Lacet, que estão em perfeita consonância com a narrativa em palavras, criando uma harmonia visual que complementa e enriquece a história



Nesse estado de entrega, a leitura se torna um diálogo íntimo entre mim e o texto e. As páginas se tornam um espaço sagrado, o leito onde a estética e o sentimento se entrelaçam. Privilegio o papel do corpo na percepção estética, a maneira como o escrito é sentido é tão importante para mim quanto seu conteúdo intelectual. Penso que, distante da experiência humana concreta, a riqueza e complexidade das obras literárias ficam reduzidas.

Na minha leitura, outra coisa que se impõe com importância é a temporalidade... devagarinho interajo com memórias, expectativas, contínuas interpretações. Exploro de mansinho como os textos ressoam em mim, como me ajudam a compreender melhor as experiências dos outros, a me conectar com suas perspectivas e emoções, que me dizem sobre a natureza confusa, ambígua, trágica e maravilhosa da condição humana. Isso ultrapassa qualquer lógica. É insanidade mesmo, como Aldo uma vez renunciou.

Explorando temas como a morte, o desespero, a velhice, a insanidade, a solidão, a identidade, o medo, o mistério, incorporando elementos de contos de fadas, utilizando simbolismo e alegorias para transmitir mensagens universais, Aldo desafia as fronteiras da realidade explorando a imaginação e a fantasia como formas de compreender e interpretar o mundo.

Essa busca incessante pela forma ideal e pela beleza da linguagem, que torna a escrita de Aldo um ato de agonia, angústia e sofrimento, faz de *Azeite, senhora avó!* uma obra primorosa pelo domínio da linguagem, pela riqueza metafórica, pelas construções poéticas e melancólicas que capturam a comple-

xidade das emoções humanas relacionadas ao tempo e à memória: “E se ensopava de passado, na ocupação triste de matança da saudade”. A frase evoca uma intensa carga emocional, sugerindo uma reflexão sobre o peso do passado e suas marcas na vida presente. A expressão “se ensopava de passado” indica profunda imersão nas memórias, enquanto “ocupação triste de matança da saudade” faz emergir a dor da perda e do anseio. Essa combinação reflete a luta interna entre recordar e deixar ir, transformando a falta numa experiência visceral e quase devastadora.

Aldo escreve com muita beleza: “A luz da lua é quem toma conta dela, essa luz que por vezes sai em horas mortas para amaciar o escuro”. A personificação da lua como uma entidade que toma conta, que cuida sugere uma presença reconfortante em meio ao vazio da escuridão. A expressão “horas mortas” diz de um período de silêncio e introspecção, enquanto a luz da lua que “amacia o escuro” sugere esperança e suavidade, proporcionando alívio à solidão noturna. Poética e contemplativa, a irretocável construção linguística destaca a beleza e a serenidade que podem ser encontradas até nos momentos mais escuros, lúgubres ou macabros. A frase perfeita, ensina Flaubert, é aquela que não pode ser substituída por outra. Aldo, com a sua busca incessante que torna sua escrita uma angustiante trajetória entre “rasgo”, “teimo”, “sofro” e “suo”, parece encontrar essa perfeição.

Azeite, senhora avó! se faz ainda uma obra primorosa pelas belas ilustrações de Alberto Lacet. Os desenhos em hachura que ilustram a obra

estão em perfeita consonância com a narrativa em palavras, criando uma harmonia visual que complementa e enriquece a história. Cada linha e padrão de hachura não apenas realçam os elementos da trama, mas transmitem emoções e atmosferas. Juntas, as representações visuais e a narrativa textual convidam o leitor a explorar e sentir cada nuance da obra, fortalecendo a comunicação, tornando a leitura mais envolvente e acessível, possibilitando que o leitor imagine mais facilmente os mundos descritos no texto.

A literatura, para mim, é uma experiência visceral. Nesse leito de criação, onde nos entrelaçamos — eu e o outro, eu e o escrito — as fronteiras se dissolvem. Isso pode não ocorrer na primeira leitura... mas em outra... ou em outra mais... quando então é possível experimentar a epifania da compreensão, a beleza do abandono... e o prazer de ler como um grandioso manifesto de liberdade.

Em cada página desse extraordinário livro de contos somos convidados a penetrar em universos que desafiam a lógica e abraçam a complexidade da condição humana. Aldo Lopes de Araújo revela com a sua fabulação verdades ocultas e sentimentos profundos interligando vida e arte de maneira sublime. Esse livro não apenas narra, mas transforma. Intriga e instiga. Intriga pelo viés de mistério, pelas profundas motivações e conflitos internos de seus personagens. Instiga por refletir sobre as luzes e sombras que perfazem o existir.

Maria das Neves Franca é professora, filósofa e escritora.



Nas amarras do fantoche

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

“Cordas”

Baluarte (Erick de Almeida/Pedro Paz)

Violões e relógios, bonecos

De corda

No compasso

Marcando

O tempo pra você

Minha boneca e senhora

Vê se a tempo acorda

No compasso

Cantando

O tempo pra você

Sou teu boneco que chora

Fantoche se enrola

Nas cordas

Quando toca

O tempo pra você

Mas

Quero cortar o que me prende,

Tudo

Para mostrar-te a liberdade besta

Apresentando-me solitário ao mundo

Cortar as cordas que terço essa queixa

Baluarte surgiu em 2006, em João Pessoa, desenvolvendo um trabalho autoral influenciado pela cultura nordestina em diálogo com a música latino-americana



Compreensão da música

O eu lírico faz uma associação entre os objetos de cordas que marcam o tempo com o intuito de referenciá-lo para outra pessoa. Exemplo: “Violões e relógios, bonecos / De corda / No compasso / Marcando / O tempo pra você”.

O eu lírico traz a analogia entre “boneca/senhora”, mostrando a forma de se acordar o ser inanimado (fantoche), e, ao mesmo tempo, enxergar a canção sendo cantada para a pessoa amada. O tempo é reverenciado mais uma vez. “Minha boneca e senhora / Vê se a tempo acorda / No compasso / Cantando / O tempo pra você”.

O fato de estar preso “no mundo das horas” simboliza a associação na qual o eu lírico retrata

em quem passa o tempo retido por outro sem viver. Exemplo: “Eu te prendi na redoma / Do mundo das horas / Corto a corda / Parando / O tempo pra você”.

Na sequência da música da banda Baluarte, o eu lírico se vê chorando como um “boneco/fantochê” que se enrola em suas cordas, simbolizando o tempo mais uma vez. Exemplo: “Sou teu boneco que chora / Fantochê se enrola / Nas cordas / Quando toca / O tempo pra você”.

O eu lírico quer cortar o que o prende ao mundo, associando as amarras do fantochê, com a intenção de mostrar a liberdade de forma simplória, ao mesmo tempo solitário, metaforizando um amor sem sufocamento. Nesse momento, percebe-se o incômodo dele: “Mas / Quero cortar o que me prende, / Tudo / Para mostrar-te a liberdade besta / Apresentar-me solitário ao mundo / Cortar as cordas que terço essa queixa”.



Leia o QR Code acima e
acesse a canção no canal
oficial do YouTube

Rodrigo Falcão é professor
de língua portuguesa, crítico
musical e foi colunista da
Tabajara FM, com o quadro
‘Eu Lírico’ (2017-2018).





Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



Clarisser

Livro discute a Palestina a partir da narração do que a autora-narradora vivencia ao ver, ouvir e sentir; obra ensina sobre a história da Palestina, da melhor maneira possível: pela reflexão e pelo relato

Foto: Isabel Wagemann/Divulgação

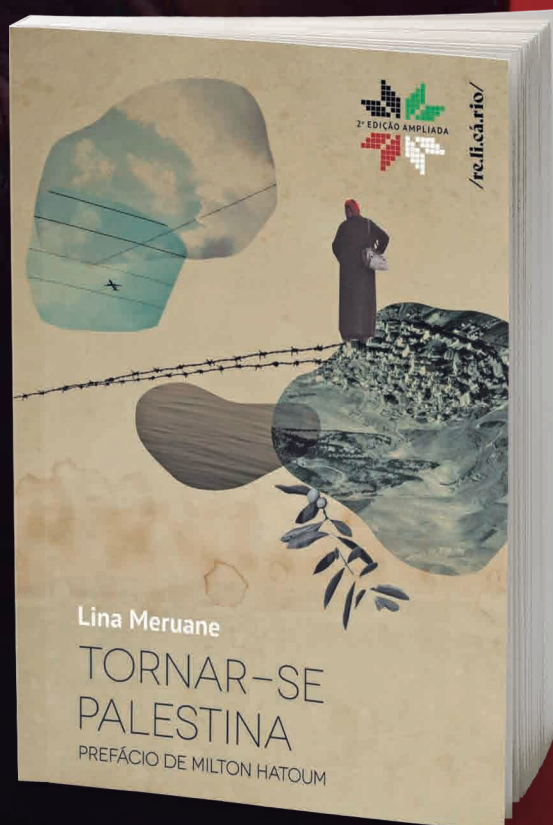


Imagem: Divulgação/Relicário

Entre a **exposição** e o **exposto**:

A ensaística de Lina Meruane

Tornar-se Palestina, da escritora chilena Lina Meruane, foi publicado recentemente no Brasil pela editora Relicário, numa segunda edição acrescida de duas partes: *Tornar-nos outros* e *Rostos do meu rosto*. Com tradução de Mariana Sanches e prefácio de Milton Hatoum, o livro impacta não só pelo conteúdo que, revelado no título, concentra-se na tão complexa “Causa Palestina”, mas também pela forma como conta uma história, ao mesmo tempo em que reflete sobre ela.

Na ficha catalográfica que acompanha a edição ora comentada, o livro é apresentado como “literatura chilena”, “ensaio”, “relato” e “memória”, gêneros que, teoricamente, podem indicar formas literárias diversas, sem, necessariamente, fecharem-se no campo estrito da ficção. E isso parece bastante significativo em se tratando desta obra.

Em entrevista à Agência Brasil (agenciabrasil.ebc.com.br), de 24 de junho deste ano,

a autora diz que o livro é “um relato de família, um relato de viagem, um ensaio político e uma reflexão sobre como o colonialismo e o genocídio israelense operam hoje”. O prefaciador Milton Hatoum o reconhece como um livro que “reúne três ensaios fascinantes, movidos pela necessidade e pelo desejo irremediáveis de compreender a situação trágica da Palestina, de onde os avós paternos de Lina Meruane migraram para o Chile no início do século passado”.

Ponderar sobre a forma desenvolvida pela autora se justifica por alguns elementos do livro. Um deles diz respeito ao fato de não se tratar de uma discussão pela discussão, inclusive com referências a Amos Óz, Adorno, Éric Hobsbawm, Vargas Llosa, Edward Said, David Grossman, Noam Chomsky, entre outros intelectuais preocupados com assuntos relativos à Palestina.

Autora diz que o livro é “um relato de família, um relato de viagem, um ensaio político e uma reflexão sobre como o colonialismo e o genocídio israelense operam hoje”

O livro discute a partir da narração do que a autora-narradora vivencia ao ver, ouvir e sentir. É pelo foco narrativo em primeira pessoa que ela conta sua história, incluindo, por exemplo: 1) os retornos com seu pai aos diferentes endereços ocupados no Chile; 2) a conversa com o taxista árabe que, numa “estranha coincidência”, transporta-a até o aeroporto de Nova Iorque, lugar onde reside, para que possa realizar a tão desejada viagem à Palestina. É, portanto, com artifícios narrativos que elabora essa viagem, cujo objetivo maior é compreender o que é ser palestino(a), suas identidades culturais, linguísticas e fisiológicas, essas últimas amplamente representadas na parte intitulada *Rostos no meu rosto*. Elementos estruturais do diário também são concebidos nessa obra. Lê-la, portanto, a partir de seus aspectos formais, é imergir num campo fértil da teoria literária, que, nesta resenha, reivindica-se, simplesmente, para não se descuidar dela, mas também sem a intenção de esgotar qualquer discussão. No que se refere ao conteúdo, o livro de Meruane é, sobretudo, pedagógico por cumprir muito bem uma função social, para além de estética.

Partindo desse entendimento da relação entre forma e conteúdo, duas questões se colocam para uma interpretação da fatura em que a obra resulta: 1) se trata-se de relato ou memória ou ensaio, como formas que melhor se adequam à intenção da autora, pelos artifícios literários próprios das formas narrativas, poderíamos lê-lo como um romance, dividido em três partes, porém um romance (no singular) por conter uma unidade; 2) lê-lo como romance, portanto, ficção, não fragiliza o conteúdo nos seus aspectos factuais trazidos para o cerne do seu relato,

focado em apresentar uma Palestina pelas lentes ampliadas de uma escritora latino-americana de ascendência palestina, residente e atuante profissionalmente nos Estados Unidos.

Necessário pela sua função pedagógica, conforme já foi mencionado, e no sentido mais abrangente do termo, o livro ensina ao leitor e à leitora sobre a história da Palestina, da melhor maneira possível: pela reflexão e pelo relato. O fato de não ser escrito, intencionalmente, como romance, História ou reportagem também não significa dizer que não se alimenta de princípios que regem as estruturas linguísticas e discursivas dessas esferas das artes, da comunicação e do conhecimento de um modo geral. Meruane afirma que escreve romances e ensaios e “classifica” *Tornar-se Palestina* como ensaio. Com isso, ela abre espaço para um debate importante porque não só evidencia uma estrutura discursiva, mas recorre a várias formas textuais e as torna vasos comunicantes para comunicar o que deseja: a Causa Palestina e as suas complexidades.

Classificando seu livro como sendo de ensaios, Meruane parece reafirmar ao leitor e à leitora que não se trata de ficção, universo próprio do romance, ou da crônica, ou do conto, por exemplo. E mesclando suas reflexões com as narrações que ilustram e justificam, pelo princípio da causalidade, o que pretende apresentar, abre possibilidade de se considerar, também, narrativa literária. Por outro lado, o fato de não se tratar de História não significa dizer que não tenha o mesmo valor epistemológico de um livro assinado por historiador(a) que segue metodologias e técnicas próprias desse campo da ciência. Assim como parece apropriado lê-lo como reportagem,

Para o escritor e historiador estadunidense Benjamin Moser (abaixo), “a gente tem uma maneira de formar a opinião e a gente não deve desistir disso nem se deixar sentir incapazes, porque aí ganha o malvado”

Foto: Tasso Marcelo/Estadão Conteúdo





Foto: Eduardo Nicolau/Estadão Conteúdo

Prefaciador Milton Hatoum (acima) o reconhece como um livro que “reúne três ensaios fascinantes, movidos pela necessidade e pelo desejo irremediáveis de compreender a situação trágica da Palestina”

marcada por elementos do domínio do discurso jornalístico. E toda essa hibridização de gêneros textuais e formas literárias parece possível, justamente, pelo ensaio, que é, por natureza, gênero híbrido.

Em *Notas de literatura I*, escritas nos anos 1950, Adorno já postulava que o ensaio “[...] se aproxima de uma autonomia estética que pode ser facilmente acusada de ter sido apenas tomada de empréstimo à arte, embora o ensaio se diferencie da arte tanto por seu meio específico, os conceitos, quanto por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética” (2003, p. 18). No livro de Meruane, a busca por algumas verdades encontra, na forma fecunda do ensaio, o seu canal de comunicação, pela possibilidade de organização de um raciocínio livre, que, segundo Jorge Almeida, em nota à tradução do texto de Adorno aqui referenciado, soma-se à reflexão sobre a própria linguagem. E em se tratando desse tipo de reflexão, por exemplo, na parte intitulada *Tornar-nos outros*, Meruane investe numa reflexão ampla e aprofundada sobre a linguagem, tanto no sentido de discutir elementos importantes para a interpretação desse aspecto identitário, como no sentido metalinguístico.

Os títulos dos capítulos já indicam essa investida: *Palavras içadas*, *Dizer palestino*, *Discursos gêmeos*, *Fundação léxica* e *Palavras proibidas*. Vejamos um trecho extraído da página 137, em que a autora não só discute aspectos políticos e ideológicos de uma certa linguagem como faz dela a sua própria forma para problematizá-la internamente, quando traz para o seio da discussão determinados conceitos, apresentados graficamente da seguinte forma: ou com suas letras separadas ou com a junção de várias palavras numa só palavra, indicando que os significantes já dizem tudo dos seus significados e não, exatamente, o contrário, como somos acostumados a observar.

[...] lembremos o que essas palavras significam de verdade (anoto-as separando bem suas letras, contornando cada curva com minha caneta bic). A o c u p a ç ã o dos territórios palestinos não é, como gostariam alguns, escreve Groissman, a libertação dos israelenses. O termo é c o l o n i a l i s m o, e não esquecer as palavras imperialismo e conquista, que desapareceram do discurso à força de uma prometida redenção. Escolher ocupação e não estabelecimento pacífico da liberdade, é, contudo, tão incorreto em certos círculos como dizer p a l e s t i n o ao invés de suprimi-lo. Indica uma posição no plano ideológico do conflito. É por isso que povo palestino causa surpresa na boca de Shalom, que sem dúvidas conhece todas as formas de reciclagem. Ele sabe que refugiados é a expressão-trincheira onde cabem cinco milhões de palestinos. Que gente dos acampamentos é outra barreira da língua. E árabes, o gentílico genérico que nega sua particularidade e a extingue, substituindo-a pela imprecisão geográfica ou a indistinção étnica.

Afinal...

Não é um jogo, mas uma política: chamar as coisas pelo nome.

Outra reflexão bastante interessante sobre a linguagem no contexto da Palestina pode ser apreciada na fala de Benjamin Moser durante o episódio 121, *Gaza no coração*, do podcast 451 MHz, em que divide a participação com o escritor Milton Hatoum. Durante sua fala, Moser diz que “a gente tem, pela palavra, acesso aos corações das pessoas civilizadas, das pessoas decentes, das pessoas que odeiam o racismo, o apartheid. A gente tem uma maneira de formar a opinião e a gente não deve desistir disso nem se deixar sentir incapazes, porque aí ganha o malvado”. Parece adequado afirmar que é essa a militância de Lina Meruane: pela forma do “ensaio político” (nas palavras da autora) que se configura, também, por artifícios estéticos. Em síntese: uma militância que se dá na linguagem e pela linguagem, sem ser panfletária.

Ao considerar o ensaio forma propícia para se fazer a crítica à ideologia, Adorno observa seu caráter relativo, inconclusivo, aberto e, por tudo isso e, em certa medida, livre. Na obra de Meruane, ora comentada,

essa crítica se configura não apenas no campo da discussão reflexiva que ela realiza, fundamentada, inclusive, por intelectuais que cita e referencia, mas, conjunta e concomitantemente, pela narração de uma história de viagens à Palestina e que inclui seu próprio cotidiano em Nova Iorque, nos EUA, onde reside, além de suas passagens por Paris e Berlim, por exemplo. Noutras palavras, nomear os textos publicados em *Tornar-se Palestina* como ensaios abre um leque de possibilidades de chaves de leitura que permitem escancarar tantas portas para o conhecimento mais amplo e aprofundado dos assuntos relacionados à Palestina. E, falando em chaves, vale a pena visitar um trecho em que, ao falar de um povo que não tem casa nem terra, a chave representa pertencimento, segurança, vida privada, família e amor:

A chave anda girando pelo mundo. A chave de uma porta, de uma casa, de uma vila, de uma cidade, de todo um povo. Uma chave enorme para a qual não existe fechadura. [...] A expulsão, primeiro da Espanha [em 1942, que era também o ano de 5252] e depois

da Europa, acabou atingindo os palestinos. Ainda guardam chaves enferrujadas. Embora a casa e a porta e a fechadura tenham desaparecido. Embora a posse da terra lhes tenha sido anulada. Mas, da enorme chave prateada que é símbolo da diáspora palestina, resta apenas o gancho que a sustentava, e a placa. (p. 107)

O sentido literal da chave é trespassado por outros sentidos que têm nos verbos tornar e retornar a legitimação das ações de abrir e fechar, de ir e de voltar, uma vez que se (re) torna para um lugar, para cuja porta existe uma chave. A ideia da ferrugem, como oxidação desse elemento robusto e sólido que é o ferro, indica que as chaves carcomidas pelo tempo estão cansadas de esperar. Essa sensação de suspensão no tempo e no espaço, sem ter para onde ir ou a quem recorrer, funciona, assim, como efeito da ausência das fechaduras que correspondem às chaves que se detêm.

Essa elaboração da autora-narradora diz muito da forma que ela elenca para contar a sua história. Vejamos que, ainda conforme Adorno (p. 43



e 44), em “comparação com as formas em que um conteúdo já pronto é comunicado de modo indiferente, o ensaio é mais dinâmico do que o pensamento tradicional, por causa da tensão entre exposição e exposto”. Se se considera “exposição” como processo (reflexão) e “exposto” como dito (relato), temos aí uma equação interessante, pela qual se pode colocar o livro de Meruane no lugar *do* necessário para quem deseja conhecer e entender os meandros das causas e efeitos que vêm agravando, há décadas, a situação de palestinos e palestinianas, inserindo-os(as) num contexto de “grave crise humanitária na Faixa de Gaza”, “como um dos territórios mais densamente povoados do mundo”, “com condições de vida abaixo da linha da pobreza”, conforme apresenta a mídia, minimamente referenciada aqui por matérias publicadas no site da BBC. Mas é um livro necessário não apenas pelo conteúdo. É a sua forma, legitimada pela autora como uma forma, também, de se contar sua própria história, que, ao fim e ao cabo, nem é exatamente

te sua, uma vez que ela não é nascida na Palestina, mas que também não deixa de ser, por se tratar da terra dos seus avós, dos seus ancestrais.

O verbo indicado no título *Tornar-se Palestina* indica pelo menos dois sentidos: tornar nos sentidos de ser e de voltar a um lugar, porque ambos parecem estar imbricados no âmago do gentílico “palestina” que é a mesma palavra que nomeia o Estado. No caso de Lina Meruane, “ser” o que, de alguma maneira, sempre foi, mas precisava ter a consciência de; e “tornar” ao lugar em que nunca esteve tendo estado por meio das memórias, das fotografias e da linguagem dos parentes.

É possível que a forma do relato pelo relato não desse conta dessa complexidade (?). O romance como forma, pelo pertencimento natural ao campo da ficção, também poderia não ser suficiente para a função de registro historiográfico, ou mesmo sociológico, que o livro parece pretender cumprir (?). O ensaio, ao que tudo indica, atende aos objetivos do projeto da autora-

-narradora, que se configura como um projeto, ao mesmo tempo, político e estético que tem como objetivos contar, refletir, argumentar, sentir e, assim, auxiliar na compreensão de algumas verdades factuais que amoldaram uma história de tanta crueldade e que vem se arrastando há décadas.

Para Milton Hatoum, nos ensaios de Lina Meruane, “a capacidade de argumentar e de fazer sentir são inseparáveis. Eles nos transmitem uma vibração emocional na dose certa, sem exagero, sem apelações vitimistas, sem autocomiseração: uma emoção que nos faz companhia, toca nossa sensibilidade e nos torna solidários, não apenas aos palestinos”. Argumentar (pela reflexão) e fazer sentir (pela narração em primeira pessoa) podem ser reconhecidas, portanto, como atitudes discursivas consubstanciadas na forma ensaística de Meruane em que se dialoga, dialeticamente, a exposição e o exposto, ou, em termos mais específicos do campo do discurso, a enunciação e o enunciado, portanto, o conteúdo e a forma.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).





Moacir e o r

Giulliana Vasconcelos

Especial para o *Correio das Artes*

A noite corria devagar como sempre, minuto a minuto, e Moacir sentia o ponteiro do relógio velho, que havia encontrado perto de sua casa semanas antes e que sempre levava consigo. O objeto, com seus ponteiros deslocando-se o tempo todo em seu tique-taque, marcava cada segundo da espera. Ele estava prestes a fazer 15 anos e, quanto mais se aproximava da tão esperada data, mais acumulava ansiedade e noites em claro.

Sua mãe lhe havia prometido um lindo presente em seu décimo quinto aniversário. A família era bastante humilde, mal tinham o suficiente para se alimentar. Os pais trabalhavam recolhendo latinhas e papelão numa coo-

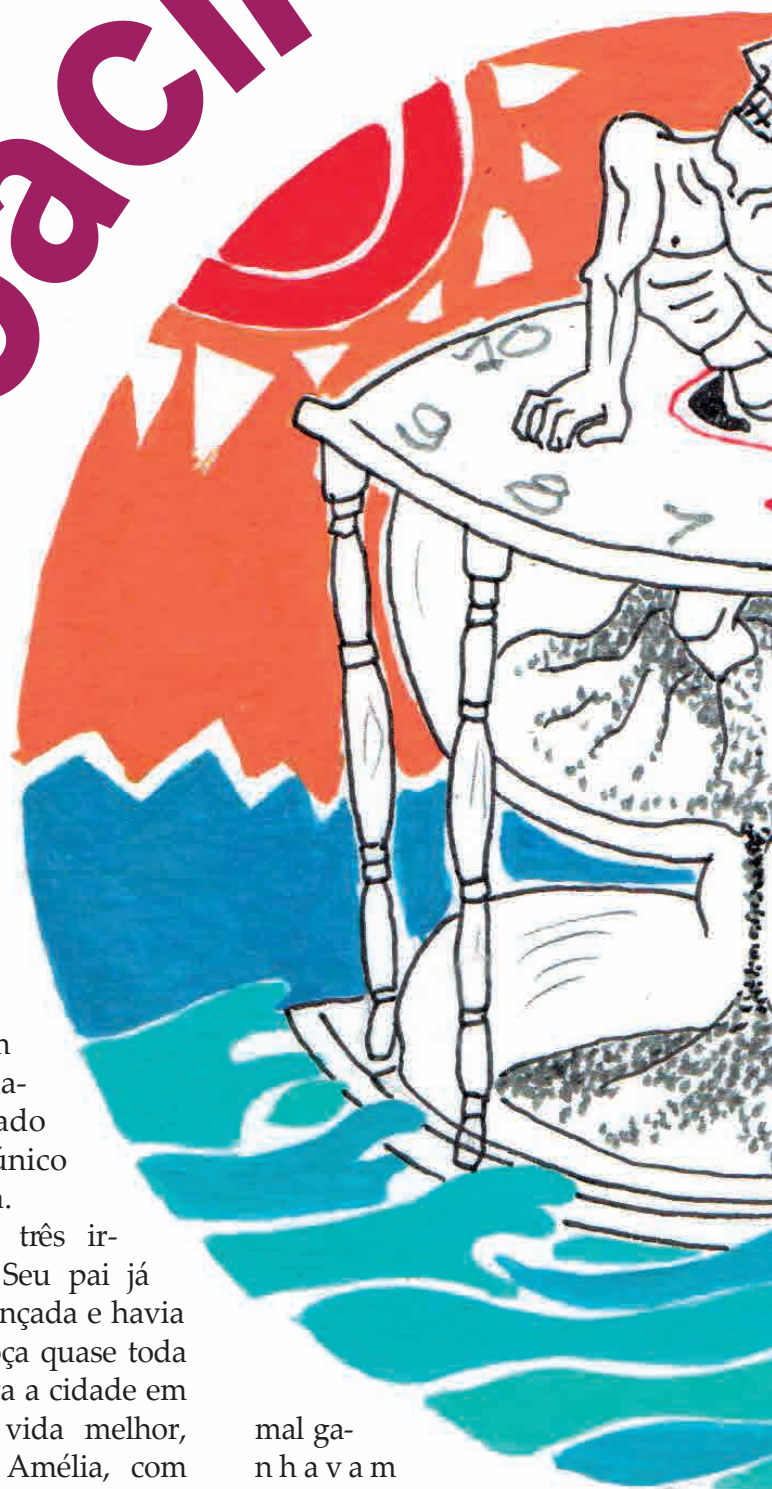
perativa do bairro. Passavam o dia inteiro juntando materiais recicláveis com um carrinho de madeira improvisado — aquele era o único sustento da casa.

Moacir tinha três irmãs menores. Seu pai já era de idade avançada e havia trabalhado na roça quase toda a vida. Viera para a cidade em busca de uma vida melhor, conheceu dona Amélia, com quem formou uma família. Logo vieram os filhos: Moacir, Jurandir e Pedro. Ao todo, cinco pessoas vivendo em uma casa de um único cômodo.

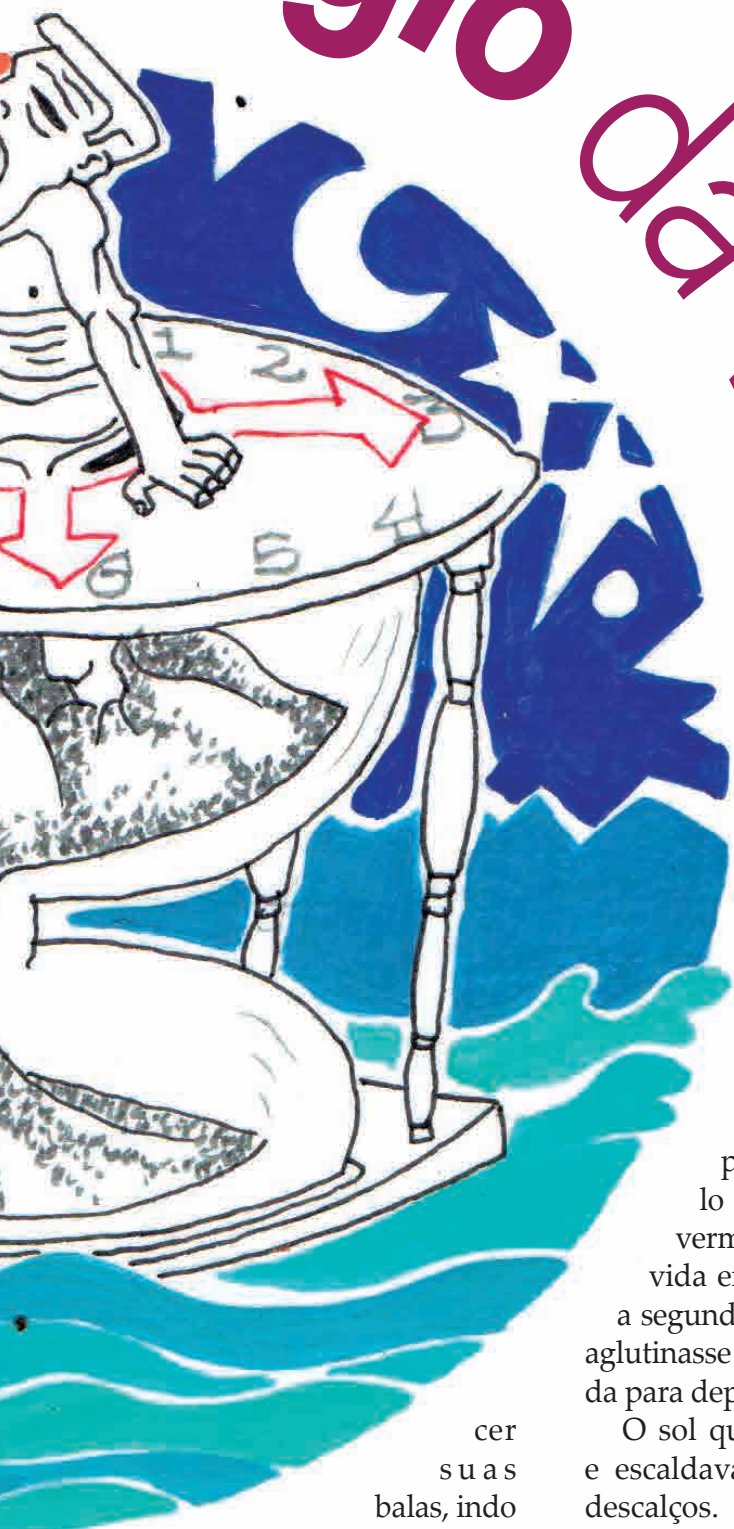
O menino estudava pela manhã com dificuldade, pois tentava vender balinhas para ajudar no sustento de casa. Seus pais

mal ganhavam para o feijão com farinha; arroz, só em dia de festa, com bife do “oião”, como era conhecido o ovo frito.

O primogênito percorria as ruelas do seu bairro até o sinal onde vendia sua mercadoria. Aguardava o sinal fechar para falar com os motoristas e ofere-



elóquio da Vida



cer
suas
balas, indo
entre os carros
com o produto na mão. Na
maioria das vezes, vendia o mí-
nimo. Sentia a rejeição no olhar
de algumas pessoas e o desdém
de certos motoristas. Quando o
sinal ficava verde, corria para a
calçada, com o olhar perdido e
a cabeça baixa, pensando para

si: “Aquilo
era costumei-
ro. Eu preci-
so continuar.”
Olhava atenta-
mente, contando
os segundos que
passavam do amare-
lo ao vermelho, e do
vermelho ao verde. Sua
vida era contada segundo
a segundo, como se o tempo
aglutinasse sua infância, deixa-
da para depois.

O sol queimava a sua pele
e esquentava o couro dos pés
descalços. A carne viva, nos
dias mais quentes, aparecia.
Quando chovia, era tempo de
rezar para não pegar um res-
friado, uma tuberculose, uma
pneumonia. Ele não queria pa-
decer como seu Arlindo, vizi-
nho de barraco, que pegou um
resfriado e nunca conseguiu
se curar. Sem cuidados e sem

atendimento, morreu à mín-
gua. Mais um número para o
sistema, mais um enterrado
em cova rasa, mais uma vida
invisível ceifada.

A vida era dura e penosa.
Moacir não tinha tempo nem
disposição para fazer as tarefas
da escola. O caderno, doado
pela prefeitura, ele mal havia
tocado. Quando chegava em
casa, caía no colchão duro e
fino, tanto que chegava a sen-
tir o chão. Diariamente pas-
sava pelas ruas e via crianças
brincando — certamente mais
afortunadas. Tinham até brin-
quedos coloridos. Não eram
caixas de leite vazias nem latas
velhas, como aquelas com que
seus irmãos de oito e seis anos
brincavam. Lembrou-se do seu
tempo de brincar: eram dias fe-
lizos, decerto, embora muitas
vezes dormissem com o estô-
mago doendo de fome.

Aos nove anos, decidiu ajudar em casa. Não aguentava mais ver a situação em que viviam. Era um menino crescido. Seu pai, doente, havia contraído uma bactéria que não sarava — também não tinha meios para se cuidar. E Moacir, tão menino, já sentia o peso de ajudar no sustento da casa. Precisava sair, de sol a sol, para trabalhar.

Os dias iam passando, e a ansiedade de Moacir pelo dia do seu aniversário só aumentava. Sua mãe prometera trazer um presente, e cada minuto era contado milimetricamente.

O relógio marcava mais do que horas: marcava a vida de Moacir. E fazia valer a pena suportar a situação. Parece que, quanto mais se espera, mais se conta a vida em vez de vivê-la. A vida vai sendo carcomida! Um misto de esperança e ausência, entusiasmo pela espera e dureza pela experiência de viver. Que era duro viver, o menino já sen-

tia na pele. As dificuldades se amontoavam, à espera da sua vez. O tempo, decerto, era inimigo dos esperançosos.

Mas, enfim, o grande dia chegou. Depois de uma aprazível e demorada espera, que aos poucos carcomia os minutos daquele menino, ele acordou entusiasmado. Foi à escola, mas, como era de se esperar, não conseguiu prestar atenção em nada. Depois foi vender suas balas no sinal. Sentia um misto de curiosidade e felicidade que não cabia no peito e nem sabia explicar. Estava alegre como nunca, imaginando o que ganharia de presente de sua mãe. Sonhava com arroz e ovo, pois era dia de festa. Seus sonhos, tão pequeninos, estavam guardados, à espera de chegar em casa e aproveitar seu dia.

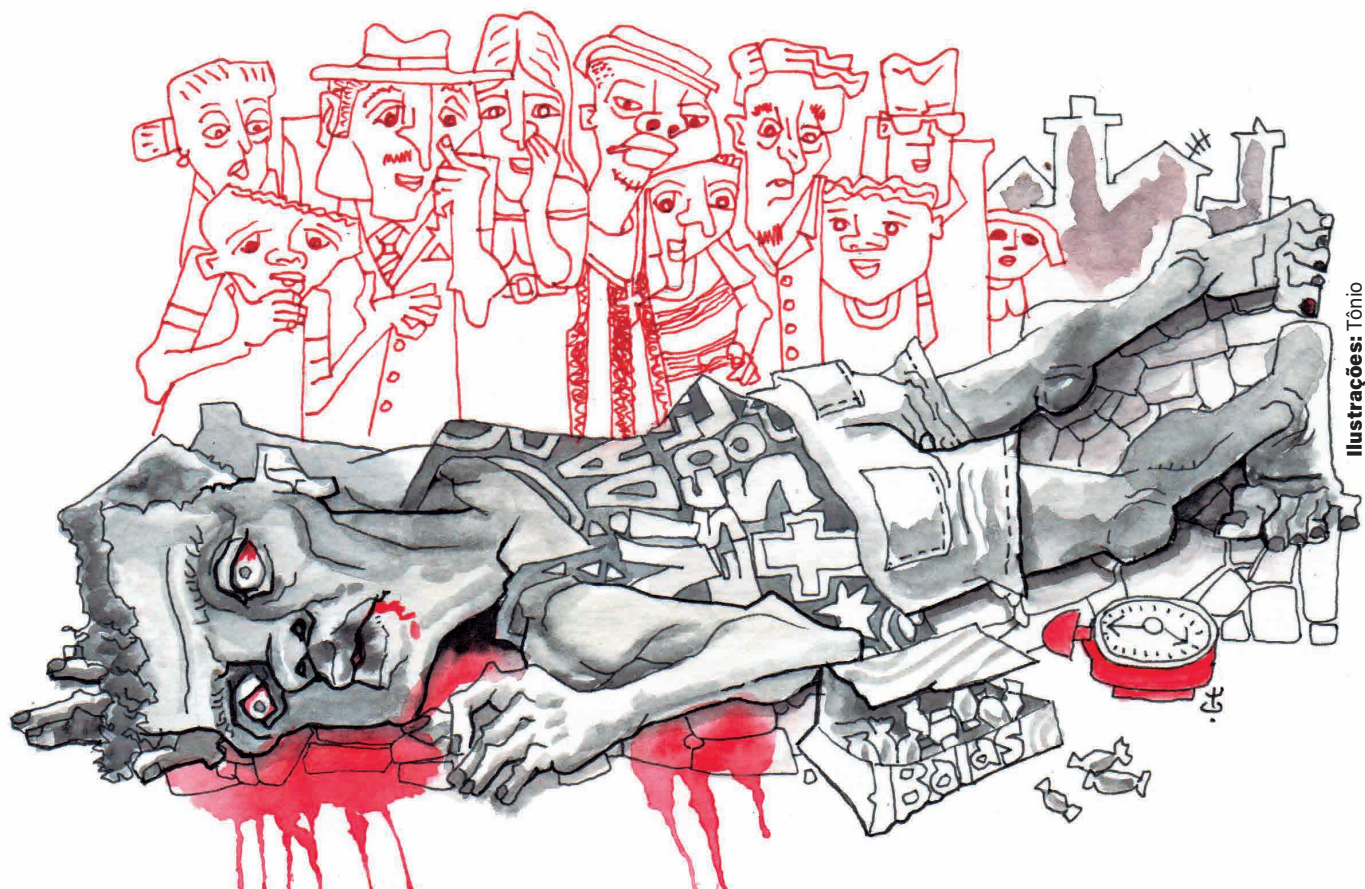
Já anoitecendo e com fome, olhou para seu relógio

e começou a caminhar pelo percurso conhecido rumo à sua casa. Ia alegre e travesso, com um sorriso no rosto e o pensamento adiantado. Mas, ao atravessar a rua movimentada, pela primeira vez não contou direito os segundos do sinal. Perdeu-se entre o asfalto e um carro desgovernado. Em um barulho ensurdecedor de apenas segundos, ele estava caído no chão, de uma pancada só.

O pobre menino enterrou seus sonhos no sinal, onde buscava ganhar a vida — e perdeu-a. Nem sequer chegou a ver o presente que sua mãe comprara pela primeira vez, com as economias suadas de uma vida sem tempo, mas com muito suor.

A badalada do relógio batia novamente... sem seu espectador.

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Portuguesas (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.



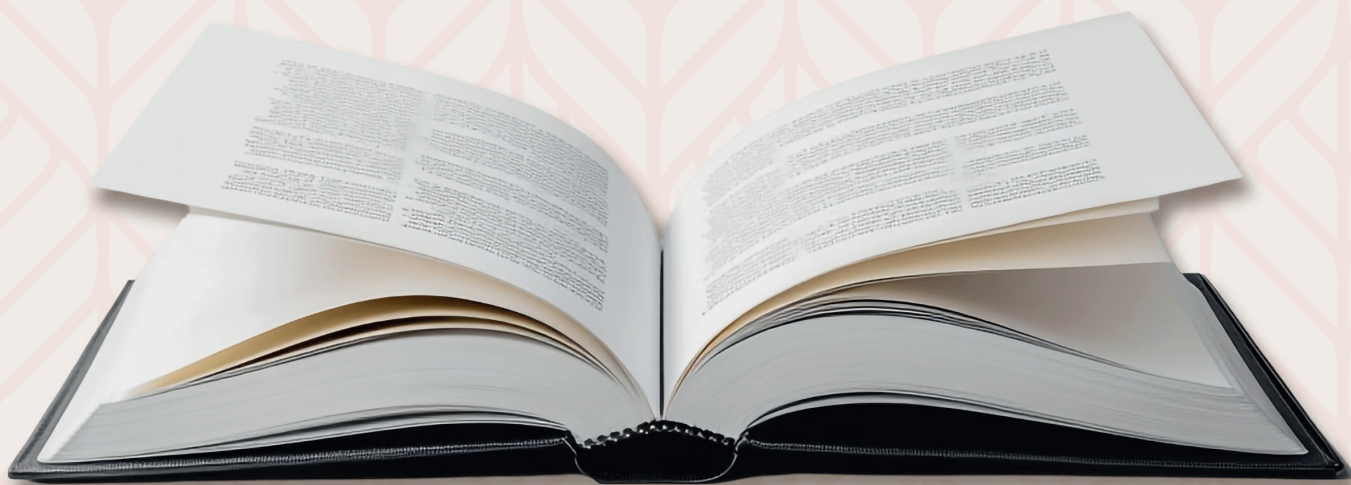
Ilustrações: Tônio

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA EDITORA A UNIÃO.



Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083

A vida **acontece**
com o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac